



ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume XVII

Deise Nanci de Castro Mesquita
Gustavo Henrique Gomes Barbosa
Organizadoras





Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira

Diretora Comercial

Winstom Erick Cardoso Pereira

Diretor Administrativo

CONSELHO EDITORIAL

ACADÊMICO

Prof. Me. Adriano Cielo Dotto (Una Catalão)

Prof. Dr. Aguinaldo Pereira (IFRO)

Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)

Prof. Dr. Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)

Profa. Me. Daiana da Silva da Paixão (FAZAG)

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita (Cepae/UFG)

Profa. Me. Limerce Ferreira Lopes (IFG)

Profa. Dra. Márcia Gorett Ribeiro Grossi (CEFET-MG)

Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Profa. Dra. Maria Adélia da Costa (CEFET-MG)

Profa. Me. Patrícia Fortes Lopes Donzele Cielo (Una Catalão)

Profa. Dra. Rita de Cassia de Oliveira Reis (Cepae/UFG)

Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)

Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFCAT)

CONSULTIVO

Nelson José de Castro Peixoto

Núbia Vieira

Welima Fabiana Vieira Borges

Deise Nanci de Castro Mesquita
Gustavo Henrique Gomes Barbosa
Organizadores

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume XVII

1ª edição

Goiânia - Goiás
Editora Alta Performance
- 2025 -

Copyright © 2025 by
Deise Nanci de Castro Mesquita
Gustavo Henrique Gomes Barbosa

Editora Alta Performance

Rua 128, nº 67, Qd. F-29, Lt. 05, 2º Andar - Sala 03
Setor Sul - CEP: 74.093-100 - Goiânia/Goiás
CNPJ: 21.538.101/0001-90
Site: <http://editoraaltaperformance.com.br/>

Contatos:

Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Revisão ortográfica: Doralice Jacomazi
Editoração: Franco Jr.

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte
Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região) 3294

SE74 Escola de educação Básica para Todos! Volume XVII. / Nanci de Castro Mesquita,
Gustavo Henrique Gomes Barbosa (Org.). – 1ª ed. – Goiânia: Editora Alta Performance,
2025. [Ebook]
95p.: il.

ISBN: 978-65-5447-417-7

1. Educação Básica. 2. Ensino. 3. Práticas. 4. Pedagógicas. 5. Escola. I. Título.

CDU: 37.02

O conteúdo desta obra é de total responsabilidade dos autor(es).

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou
por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores.
A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido
pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Parte I

PROJETO CHURINGA: ENSINO QUE É PARA TODOS!	8
<i>Daniel Martins Pinheiro Maciel</i>	
PROJETO CHURINGA: NARRAR HISTÓRIAS DO CÉSIO-137 E HIROSHIMA A PARTIR DE FOTOGRAFIAS	10
<i>Adrielle Souza do Nascimento Aguiar</i> <i>Patrícia Maria Jesus da Silva</i>	
PRODUÇÕES TEXTUAIS: REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GOIÂNIA	15
<i>Estudantes da Profa. Adrielle Souza do Nascimento Aguiar</i> <i>Estudantes da Profa. Patrícia Maria Jesus da Silva</i>	
DA TELA AO TEXTO: O USO DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS COMO FERRAMENTAS PARA ESTIMULAR A PRÁTICA DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	26
<i>Danielle Gomes Geraes Lima</i>	
PRODUÇÕES TEXTUAIS: ESCOLA DE REDAÇÃO CRIAR CONTEXTO	29
<i>Estudantes da Profa. Danielle Gomes Geraes Lima</i>	
LEITURA LITERÁRIA, IMAGENS DE DOMÍNIO PÚBLICO E NARRATIVAS ESCRITAS	59
<i>Deise Nanci de Castro Mesquita</i>	
PRODUÇÕES TEXTUAIS: CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO	60
<i>Estudantes da Profa. Deise Nanci de Castro Mesquita</i>	
COMO NASCE UMA GUERRA?	64
<i>Kamilla Rodrigues de Mendonça</i>	
PRODUÇÕES TEXTUAIS: ESCOLA ALDEIA.....	66
<i>Estudantes da Profa. Kamilla Rodrigues de Mendonça</i>	
O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E A ESCUTA DOS EDUCANDOS	70
<i>Mariana Cirqueira Ricardo da Silva</i>	
PRODUÇÕES TEXTUAIS: REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GOIÂNIA	74
<i>Estudantes da Profa. Mariana Cirqueira Ricardo da Silva</i>	

Parte II

POSTAIS DA TERRA: UMA PROPOSTA DE INTERCÂMBIO DIGITAL E INTERCULTURAL.....	78
<i>Felipe M. Guerra</i>	
POSTAIS DA TERRA - BRASIL.....	87
CENTRO DE ATENDIMENTO EM TEMPO INTEGRAL DEPUTADO JOSÉ DE ASSIS	87
<i>Estudantes da Profa. Helda Núbia Rosa</i>	
<i>Estudantes da Profa. Thaisy de Carvalho Rocha Gomes</i>	
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO	87
<i>Estudantes da Profa. Deise Nanci de Castro Mesquita</i>	
ESCOLA ALDEIA	89
<i>Estudantes da Profa. Fátima Cristina Silva Moraes</i>	
<i>Estudantes da Profa. Kamilla Rodrigues de Mendonça</i>	
ESCOLA CASA VERDE.....	90
<i>Estudantes do Prof. Maykon Rodrigues dos Anjos</i>	
ESCOLA DE REDAÇÃO CRIAR CONTEXTO.....	90
<i>Estudantes da Profa. Danielle Gomes Geraes Lima</i>	
REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GOIÂNIA - CMEIVA.....	93
<i>Estudantes da Profa. Mariana Cirqueira Ricardo da Silva</i>	
REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GOIÂNIA - EMJMS	94
<i>Estudantes da Profa. Adrielle Souza do Nascimento Aguiar</i>	
<i>Estudantes da Profa. Patrícia Maria Jesus da Silva</i>	
ESCOLA MUNICIPAL DE TEMPO INTEGRAL JUSCELINO KUBITSCHEK	95
<i>Estudantes da Profa. Andrea Hayasaki Vieira</i>	

Parte I

PROJETO CHURINGA: ENSINO QUE É PARA TODOS!

Daniel Martins Pinheiro Maciel

O uso de fotografias como mecanismo de elicitación de narrativas – comumente reconhecido como a fotoelicitación – é um método de trabalho de comprovada importância e eficácia nas ciências sociais e psicológicas. As fotografias contribuem com forma e estética, propiciando ao sujeito um mecanismo poderoso para desbloquear narrativas e abrir portas para discussão, reflexão e criação.

A leitura de fotografias é, portanto, um campo de enriquecimento criativo. Com o projeto Fotografias Faladas, lançado pela Ao Norte, procuramos trazer esta riqueza para a câmara. Aqui, a pessoa é convidada a falar de uma fotografia sua, onde ela figure, elicitando assim uma história de si contada a partir da imagem em mãos. A fotografia, como objeto de coleção, traz consigo um componente afetivo que adensa o discurso; como objeto autobiográfico, conecta-se para o olhar atento do investigador com assuntos de reflexão cultural, histórica e política de grande relevância; como objeto estético, provoca a narrativa, o pensamento crítico.

Falar de fotografias é falar de imagens. Na contemporaneidade, momento em que a comunicação por imagem e vídeo toma lugar central, saber falar da imagem e através dela torna-se cada vez mais essencial. Pela fotoelicitación, chegamos ao visível e ao invisível; o campo e o contracampo; a evidência (fotografia) e o seu importante contexto. Essa relação com a imagem sempre esteve presente conosco – hoje, cada vez mais do que ontem, é fundamental que seja vista com distanciamento crítico e discernimento.

No Volume XIV da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos!, uma síntese das primeiras etapas do Projeto Churinga, ao potencializar a produção escrita através de processos de fotoelicitación, veio trazer à superfície todas essas potencialidades e dinâmicas. Mostrou os mundos que se constroem com as fotografias, e como as crianças, em vários níveis de ensino e de competências, conseguem universalmente contribuir em agitação dentro e fora da sala de aula. Às produções escritas aliaram-se produções plásticas, em desenho; às fotografias faladas e narrativas do eu aliaram-se reflexões políticas e históricas de grande relevo.

Esse sucesso manifesto foi também mote para uma apresentação pública em Portugal, na cidade de Viana do Castelo, no contexto dos XXV Encontros de Cinema de Viana. Com participação intensa de professores e alunos, as produções das escolas de Goiânia foram também inspiradoras para a própria Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, onde a apresentação pública ocorreu.

A assistência, composta por futuros professores do Ensino Básico frequentando o Mestrado nesta escola, comprovou que o grande objetivo da Educação (com o E grande) é precisamente este processo de aprendizagem conjunta. Professores, alunos, investigadores, e todas as áreas que se conectam e interseccionam os nossos mundos, estão envolvidos em um Ensino que é para Todos!

Neste Volume XVII, que apresenta mais uma etapa do Projeto Churinga, testemunhamos outra intensa produção. São dezenas de alunos, acompanhados por docentes engajados e ativos, cruzando linguagens e contribuindo para uma intensidade de narrativas exemplar. Aqui, o Churinga evidencia-se em si, o seu sucesso demonstrado na quantidade e qualidade de produções resultantes. Dado o seu potencial criativo, apenas nos resta o entusiasmo de antecipar quais os desdobramentos futuros que esta iniciativa irá certamente explorar. Aprendemos todos!

Viana do Castelo, Portugal, setembro de 2025.

Prof. Dr. Daniel Martins Pinheiro Maciel
Ao Norte - Associação de Produção e Animação Audiovisual
Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
E-mail: danmpmaciel@gmail.com

PROJETO CHURINGA: NARRAR HISTÓRIAS DO CÉSIO-137 E HIROSHIMA A PARTIR DE FOTOGRAFIAS

Adrielle Souza do Nascimento Aguiar¹

Patrícia Maria Jesus da Silva²

Este relato tem por objetivo apresentar as reflexões advindas da participação das autoras nas etapas III e IV do Projeto Churinga dedicado ao tema “O resgate de momentos importantes da história do país e do mundo por meio de fotografias documentais”. As ações foram desenvolvidas entre os meses de outubro e novembro de 2024, nas disciplinas de Língua Portuguesa e História, em uma instituição da rede pública de Goiânia, para estudantes dos 6º e 7º anos, e com encontros extraclasse que aconteceram quinzenalmente pelo Google Meet. Essas atividades estão vinculadas ao Projeto de Extensão “Churinga, memória e Produção textual: resgate de história, mitos e ledas que compõem o coração de culturas” (Cepae/UFG).

Consideramos que a prática da escrita apresenta múltiplos desafios que impactam diretamente o processo de aprendizagem das/os estudantes. São visíveis as dificuldades que enfrentam no domínio pleno da escrita, muitas das quais decorrem da falta de uma motivação para o ato do registro. Observa-se ainda que, em sua maioria, não percebem a finalidade do que produzem, o que os leva a questionar: “Escrever para quem?”, “Escrever por quê?”.

Desse modo, vislumbramos que a participação das/os estudantes no Projeto Churinga seria uma oportunidade para ressignificarmos o trabalho com a escrita escolar, promovendo sentido por meio do uso de fotografias documentais – pessoais, locais e históricas. Imagens estas que atuaram como mediadoras da memória, da experiência individual e coletiva do passado e do presente, possibilitando o uso da escrita como instrumento de expressão, reflexão histórica e preservação de identidades.

Nesse sentido, compreendemos que o processo de aquisição da leitura e a escrita se faz pela dialogicidade quando as/os estudantes percebem que o ato de registrar representa um diálogo com o seu mundo e de outras pessoas, entendendo-a como instrumento de transformação de sua realidade e da comunidade em que vive. Nos dizeres de Paulo Freire (1989, p. 9), a “leitura de mundo”:

[...] precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Vale destacar que, na tentativa de seguir esse princípio freiriano do dialogismo, tivemos alguns desafios para o início das atividades relativas ao projeto, pois a escola não dispunha de um horário específico ao trabalho de escrita dos textos. Outro dificultador foi a adesão das/os estudantes, porque muitas/os

¹ Docente de Educação Básica da Rede Municipal de Goiânia e da Rede Estadual de Educação de Goiás. E-mail: adriellesna@hotmail.com

² Docente de Educação Básica da Rede Municipal de Educação. Mestre em Ensino na Educação Básica (Cepae/UFG). E-mail: ligadahistoriasme@gmail.com

delas/es não gostam de produzir um texto. A escolha do gênero textual foi outro aspecto a ser pensado com cuidado, porque deveria se relacionar aos textos da tipologia narrativa.

Com base nesse contexto escolar, definimos a metodologia para o desenvolvimento das ações relacionadas ao Projeto a partir da seguinte problemática: como estimular a produção de narrativas baseada em fotografias de fatos históricos de âmbitos nacional e internacional em um espaço escolar marcado por resistências à escrita e pelas limitações de tempo institucional?

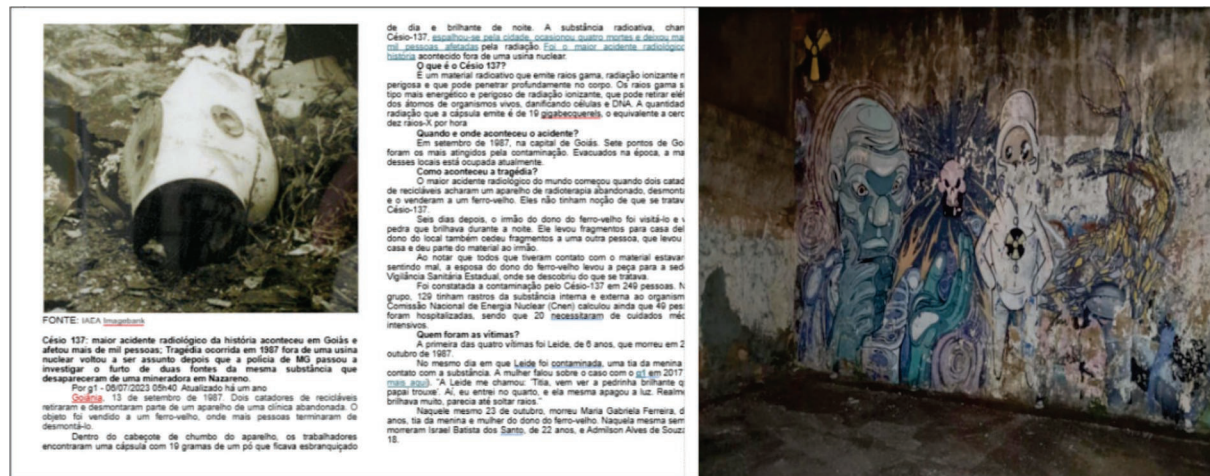
Diante do exposto, organizamos a metodologia em etapas para acompanhar a dinâmica do Projeto de extensão que tem a participação de outras instituições, de modo a articular imagem e escrita, potencializando a análise histórica com base nas fotografias. Para isso, optamos pelo trabalho com gêneros narrativos como a crônica, a carta e o diário, pois acreditamos que eles favoreceriam a expressão de diferentes pontos de vista, bem como, o estímulo à construção de narrativas sobre esses contextos históricos.

Nas aulas de Língua Portuguesa, os estudantes teriam acesso às notícias sobre os fatos históricos, análise sobre as imagens escolhidas a partir de sua produção e circulação (quem produziu? Quando e onde foram feitas? Com que finalidade?). Em História, as fotografias foram ponto de partida para as discussões sobre memória e representações do passado e presente, contextualizadas como documentos históricos que possibilitaram a observação sobre as condições históricas, sociais e culturais em que surgiram.

A primeira etapa do projeto envolvia a escrita do texto baseando-se em uma fotografia que representasse um momento da história nacional. Surgiu entre nós, professoras e estudantes, em momentos de diálogo prévio, a ideia de usar imagens relacionadas ao Césio-137. Imaginamos que seria muito interessante para as/os estudantes conhecerem ou relembrem um fato histórico significativo ocorrido na cidade de Goiânia, que marcou profundamente a nossa história. Optamos pela escolha do gênero textual crônica narrativa, pois contariam o fato histórico agregando elementos do cotidiano das pessoas.

Para isso, estudamos com as/os estudantes reportagem extraída (Figura 1) do site jornalístico do G1 (2023) com fotografia da cápsula do Césio e questões respondidas com o intuito de informar sobre o acontecimento.

Figura 1 - Excerto de atividades desenvolvidas sobre o Césio (2024)



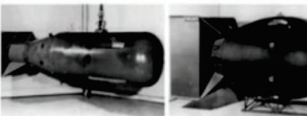
Fonte: Reportagem extraída do site Fantástico e G1 [adaptadas pelas professoras]. REDE GLOBO. *Fantástico*. Césio 137: o mais grave acidente radioativo do Brasil completa 30 anos. 3 set. 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6123510/>. Acesso em: 20 ago. 2025. Fotografia à direita de autoria própria retirada em lote no setor Central de Goiânia, onde moravam as pessoas envolvidas no acidente do Césio (2023).

Posteriormente, em uma nova etapa, como a seleção deveria ser sobre eventos históricos internacionais, definimos por dialogar com as/os estudantes sobre os riscos que a radiação tem oferecido no curso da humanidade, quando a escolha não é pautada pela ética e dignidade humana. No caso do Césio-137, o desastre se deu por descuidos com o descarte do lixo hospitalar, denotando, assim, a ausência do poder público na fiscalização e cobrança de instituição de saúde daquela época. Para além dessas questões, o silenciamento dessa história demonstra que a ineficiência estatal segue atualmente, quando as vítimas sobreviventes ainda sofrem com o descaso para receber indenizações e tratamentos.

Em diálogo com as problematizações e inquietações da história e memória locais, desenvolvemos a escrita de um texto a partir de uma fotografia que mostrasse um momento histórico internacional (bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki). O acontecimento da bomba atômica de certa forma relacionou-se com o Césio-137. Os alunos acabaram por se identificar com a temática ainda mais devido aos conflitos geopolíticos atuais que de certa forma acabam por assombrar o mundo com a perspectiva do lançamento de uma nova bomba atômica. Para essa etapa, o diário se mostrou um gênero interessante e que se aproximava dos alunos.

Assim, selecionamos para a leitura, nas aulas de Língua Portuguesa, imagens que mostram a bomba atômica lançada nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, bem como de relatos de alguns sobreviventes, como o caso de Reiko Hada, extraídos do site da BBC News (Figura 2). Na disciplina de História, o estudo sobre o uso de armas nucleares se deu a partir das fotografias de objeto do Museu Memorial da Paz de Hiroshima e a nuvem de fumaça que apareceu após a explosão (Figura 2). Para dialogar com essas visualidades, as/os estudantes assistiram ao documentário disponibilizado na Netflix “O ponto de virada: a bomba e a guerra fria” e foram levados a problematizar sobre a situação vivenciada pelos civis das localidades atingidas.

Figura 2 - Textos e fotografias da Little Boy, Japão, 1945

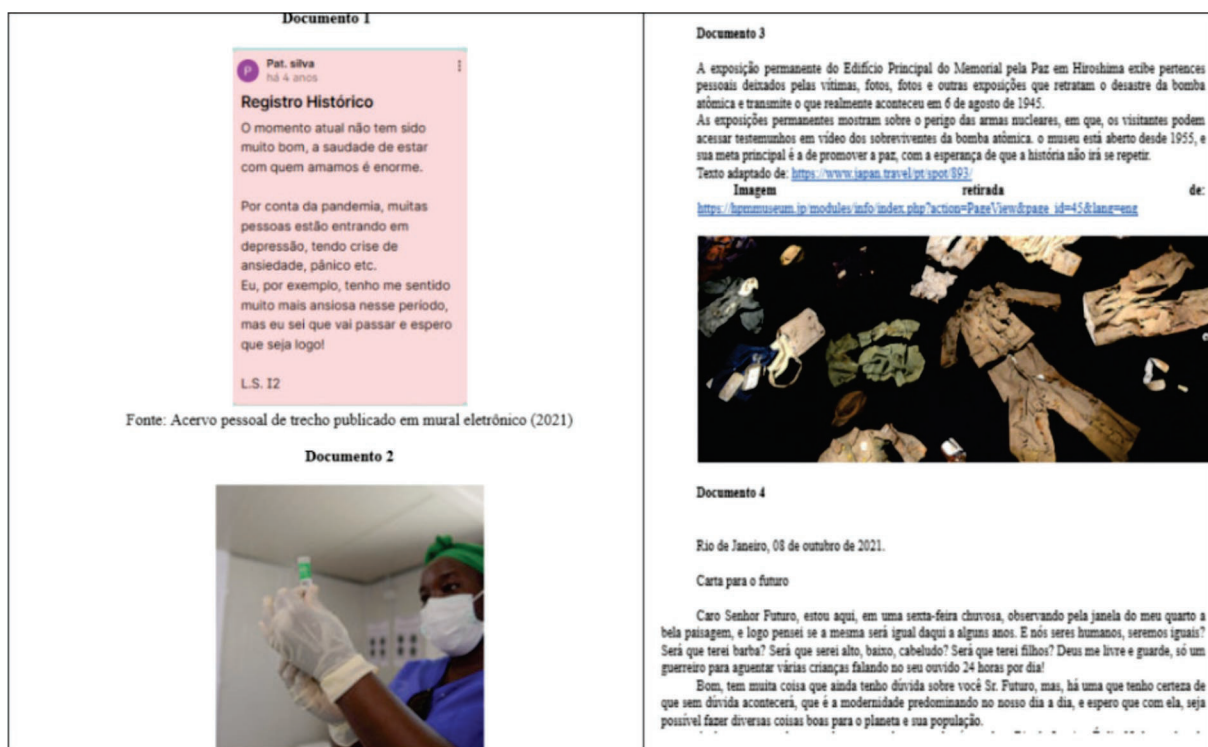
Textos de apoio – Projeto Churunga (Professoras: Adrielle e Patricia) TEMA: Lançamento de bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki • Leia dos documentos abaixo: Documento 1 – Mapa do Japão: Hiroshima e Nagasaki  Fonte: Este arquivo é um banco de dados de arquivos do Wikipedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tiedosto:Japan_map_hiroshima_nagasaki.png Documento 2 – Imagem das réplicas das bombas lançadas em Hiroshima (à esquerda) e Nagasaki (à direita).  Fonte retirada de: https://fsc.caemclass.blogspot.com/2015/09/os-70-anos-das-bombas-de-hiroshima-e.html Documento 3 – Reportagem com depoimentos de sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki (BBC News) Aqueles que sobreviveram aos atentados são conhecidos como hibakusha (filhos da bomba). Eles tiveram que lidar com o trauma psicológico, muitos acabaram morrendo mais tarde, devido a envenenamento por radiação. Reiko Hada Reiko Hada tinha nove anos quando a bomba atômica foi lançada contra sua cidade natal de Nagasaki às 11h02 de 9 de agosto de 1945. Mais cedo naquela manhã, houve um alerta de ataque aéreo, então Reiko ficou em casa.	Fotografia 1: Objeto do Museu Memorial da Paz de Hiroshima. Este relógio parou às 8h hora da detonação da bomba atômica.  Retirado de: https://www.flickr.com/photos/mustangjoe/15845457165/in/photostream/ Fotografia 2: nuvem de fumaça que apareceu após a explosão da bomba atômica  Fonte: Imagem de Domínio Público
--	---

Fonte: BBC News. Sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki lembram horror de bombas atômicas. 6 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53670979>. Acesso em: 20 ago. 2025. Imagens à direita: o relógio extraído de <https://www.flickr.com/photos/mustangjoe/15845457165/in/photostream/> e a fumaça de Domínio Público.

Para finalizar as atividades do projeto, usamos fotografias que reverberassem a esperança. Essa etapa foi interessante, pois dialogou com todo trabalho desenvolvido até então. As/os estudantes tiveram um motivo para potencializar a escrita após vivenciarem imagens que mostravam fatos ruins. Pretendíamos que a conexão entre a escrita e a memória levasse as/os estudantes a refletirem sobre a importância de se impedirem o silenciamento e apagamento de experiências traumáticas coletivas, como no caso do Holocausto, Césio-137, Covid-19, como a despertar no passado “as centelhas da esperança” (Benjamin, 1987).

Nesse contexto, a carta pessoal foi o gênero escolhido, na qual eles deveriam escrever para alguém no futuro, almejando os desejos para a humanidade. Para que pudessem refletir sobre o *porvir*, buscamos nas aulas de História e Língua Portuguesa a análise de imagens de Museus de Hiroshima (Figura 3), uma delas usada inclusive na etapa anterior, como modo de pensarem sobre a importância de se preservarem as memórias. Como material de apoio, enviamos mensagens de esperança que foram escritas durante a pandemia e de fotografia. Esta simbolizava um desejo para o enfretamento da Covid-19, que eram a criação e aplicação de uma vacina que fosse eficiente contra as mortes em diferentes faixas etárias (Figura 3). A partir dessas referências, propusemos nas aulas de Língua Portuguesa que os estudantes realizassem a produção de uma carta para o Sr. Futuro.

Figura 3 - Textos e fotografias para o tema “Esperança”



Fonte: Foto de documento 1 (pertencente às autoras/Escrita por uma estudante no ano de 2021). Documento 2 - uma oficial médica servindo na Missão da União Africana na Somália (AMISOM) se prepara para administrar a vacina COVID-19 no lançamento da campanha de vacinação COVID-19 em Mogadíscio, Somália, em 17 de maio de 2021. Foto da Amisom / Mokhtar Mohamed. Retirado de: https://www.flickr.com/photos/au_unistphotostream/51185088743/. Documento 3: Retirada de Museu da Paz https://hpmuseum.jp/modules/info/index.php?action=PageView&page_id=45&lang=eng.

Concomitantemente a esses momentos na instituição, as/os estudantes que aderiram ao Projeto tiveram a oportunidade de se encontrarem com outros participantes de escolas diversas para refletirem e conhecerem as histórias criadas e narradas. Para essa modalidade remota, tivemos a participação assídua de quatro estudantes que aguardavam ansiosamente pela apresentação oral de seus textos e pela escuta de outras histórias. Um dos estudantes vinculado à escola em que atuamos e apresentava dificuldades na escrita e na criação de narrativas, conseguiu avançar em vários aspectos, se destacando em outras disciplinas. Outra estudante confidenciou que tem como sonho a produção e publicação de um livro seu.

O Projeto Churinga mostrou que a escrita na escola pode ser mais significativa quando se conecta à vida real dos alunos. Os dez participantes que desenvolveram integralmente as atividades para as três etapas compreenderam que escrever é mais do que seguir regras gramaticais: é registrar, preservar e compartilhar aquilo que nos torna quem somos. Ao final, o “Churinga” que construímos não foi apenas um objeto físico, mas um símbolo da força que a palavra escrita tem para guardar memórias e criar histórias.

REFERÊNCIAS

AMISOM. Uma oficial médica servindo na Missão da União Africana na Somália (AMISOM) se prepara para administrar a vacina COVID-19 no lançamento da campanha de vacinação COVID-19 em Mogadíscio, Somália, 17 mai. 2021. Foto de Mokhtar Mohamed. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/au_unistphotostream/51185088743/. Acesso em: 20 ago. 2025.

BBC NEWS. Sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki lembram horror de bombas atômicas. 6 ago 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53670979>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas:** Magia e técnica, arte e política. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

PEACE MUSEUM. [Imagem retirada do Museu da Paz]. Disponível em: https://hpmmuseum.jp/modules/info/index.php?action=PageView&page_id=45&lang=eng. Acesso em: 20 ago. 2025.

REDE GLOBO. Fantástico. Césio 137: o mais grave acidente radioativo do Brasil completa 30 anos. 3 set. 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6123510/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

PRODUÇÕES TEXTUAIS: REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GOIÂNIA

Estudantes da Profa. Adrielle Souza do Nascimento Aguiar
Estudantes da Profa. Patrícia Maria Jesus da Silva

Os textos aqui apresentados foram mantidos em sua originalidade, respeitando o processo de escrita dos estudantes. Muitas fotografias inicialmente selecionadas pelos autores foram trocadas por imagens de domínio público.

Fotografia 1 - Grafites realizados no lote da 57 - Centro - Goiânia



Fonte: Acervo pessoal, profa. Patrícia Maria, agosto de 2023.

Fotografia 2 - Equipe da vigilância sanitária no local de resíduos do Césio-137



Fonte: <https://noloseytu.blogspot.com/2021/01/devair-alves-ferreira-y-los-residuos.html>

Fotografia 3 - Equipe da vigilância sanitária recolhendo o material radioativo (1987)



Fonte: <https://cliohistoriaeliteratura.com/2019/09/13/radiacao-em-goiania/>

- **Ester Larisa Xavier da Silva Lima - O Brilho Mortal**

Nunca fui de me emocionar fácil. A vida de catador de lixo endurece a gente desde cedo, mas aquele setembro de 1987. Ah... aquele mês não dá para esquecer.

Lembro como se fosse ontem. A gente achou aquele aparelho estranho num terreno abandonado de uma antiga clínica. Tudo que fosse metal tinha valor, então, a gente levou.

Estava pesado, fechado, parecia importante. Quando abrimos vimos um pó que no escuro brilhava “azul”...

Um brilho bonito demais, que parecia coisa de outro mundo. Eu e o Devair ficamos encantados. Ele levou um pouco para casa, achando que tinha encontrado um tesouro. Mal sabíamos que aquilo era veneno puro. Um brilho que matava.

Os dias que surgiram foram de um pesadelo lento.

Gente vomitando, com queimaduras esquisitas, cabelos caindo, febre que não passava. A cidade inteira começou a falar da contaminação. Foi quando disseram que o tal do pó era Césio -137. Um nome que eu tinha ouvido antes, mas que virou maldição.

Minha pele ardia, minhas mãos começaram a abrir feridas. Gente da minha família adoeceu, gente do meu convívio MORREU.

Fomos chamados de criminosos.

A cidade nunca mais foi a mesma. Ainda hoje, quando falo que sou de lá, tem quem se afaste.

O tempo passou, é verdade. Mas a lembrança ainda queima, não só na pele, mas na alma.

Hoje olho para trás e penso no quanto a curiosidade pode ser fatal. E no quanto ainda há de se aprender com o que vivemos. Porque, o brilho do Césio não matou só corpos, matou sonhos, amizades, e uma parte da confiança que a gente tinha no mundo.

E eu? Eu sigo vivo. Sobrevivente de um brilho bonito demais para ser de verdade.

• Lael Lourenço Gomes - O Passageiro Contador de História

Era um dia normal do meu cotidiano como estudante universitário, eu estava pegando um ônibus, quando um senhor senta ao meu lado e começa a falar comigo no ponto.

– Olá, jovem! Que dia belo não acha? Perguntou ele.

– Está. O que o senhor deseja?

– Nada, apenas alguém para conversar e contar uma história. Disse o senhor.

– Eu posso conversar com o senhor. Respondi.

Então, chega meu ônibus e eu entro junto do senhor e sentamos juntos. Então ele começou a me contar sua história.

– Eu nasci em 1946 em Campinas e vivi toda a minha vida na região que hoje é a atual Goiânia. Era um lugar bom e calmo, mas no ano de 1987 ocorreu o acidente do Césio 137, onde várias pessoas tiveram contato com o Césio. Ele foi encontrado por dois catadores de lixo em uma máquina de raio-x abandonada, então, eles a desmontaram e acabou por encontrar a substância química, o Césio.

– Um desses catadores de lixo se chamava Vagner e o outro era o Roberto, eles eram amigos inseparáveis e tentavam sempre sair por cima das situações. Então, após encontrar a cápsula, eles imediatamente tentaram vender a máquina e conseguiram para um ferro velho.

– Nesse ferro velho, Devair, o dono do estabelecimento não tinha ideia que em suas mãos estava 19,26 gramas de Césio-137. Então, ele fez a pior escolha possível, levou o pó de Césio para a sua casa e a colocara em um pote no seu quarto. Uma semana depois, sua mulher estava doente com sintomas típicos de diarreia-nauseas-tontura. – Nessa semana, seu irmão Ivo foi visitá-lo e de lá saiu carregando parte do Césio e levou para seus filhos. Disse lamentando o Senhor.

– Mas conseguiram descobrir o Césio? Perguntei a ele.

Enfim, chegou o meu ponto e antes de eu sair perguntei ao senhor o nome dele.

– Pode me chamar de Devair.

Eu saí do ônibus e o motorista me perguntou:

– Jovem com quem você conversava se não tinha ninguém no ônibus além de você?

• Maria Clara de Sousa Nogueira - Goiânia e o Brilho Perigoso

Era um fim de tarde qualquer. Voltava do trabalho, cansada, naquele ônibus cheio de rostos desconhecidos, pensamentos soltos e passos apressados. Me acomodei num banco do corredor, tentando encontrar algum conforto no balanço do coletivo. Foi então que meus ouvidos se prenderam à conversa de uma mãe com sua filha sentadas logo atrás de mim.

A menina, de uns onze anos, falava animada sobre um projeto da escola. O tema? Césio-137. Na hora, meu coração deu um pequeno salto. Aquilo me soava familiar, mas confesso que não me lembrava de todos os detalhes. E parece que a mãe dela também não.

– Filha, isso aconteceu quando eu era muito pequena... Mas a sua avó saberia contar melhor – disse a mulher, tentando organizar as memórias.

Mesmo assim, ela começou a narrar com esforço uma história que ouvi muitas vezes, mas que, de algum modo, sempre parece nova quando volta a ser contada:

– Em setembro de 1987, Goiânia viveu um dos maiores acidentes radiológicos do mundo. Tudo começou com o manuseio de um aparelho de radioterapia que havia sido abandonado num prédio onde antes funcionava o Instituto Goiano de Radioterapia. Algumas pessoas encontraram esse aparelho, sem saber o perigo que ele representava. Dentro dele, havia um pó brilhante, bonito... mas mortal. Era o Césio-137. O contato com aquele material contaminou várias pessoas. Centenas foram afetadas direta e indiretamente. Foi uma tragédia, filha.

A menina arregalou os olhos.

– Nossa, mãe, já dá pra fazer um texto enorme! Muito obrigada! Você já começou a escrever meu trabalho, viu?

Eu, Ana Luiza Soares, continuei ali, quietinha no meu canto, mas meu pensamento voava longe. Um frio percorreu minha espinha. Ouvir aquilo assim, no ônibus, de repente, me trouxe uma inquietação. Pó radioativo... Será que ainda existe? Será que a cidade guarda traços invisíveis daquela tragédia?

Por um instante, quase me virei para perguntar àquela moça. Quase. Mas fiquei com medo de parecer invasiva – ou de ouvir mais do que eu estava preparada para saber.

Desci do ônibus antes do ponto final, com a cabeça cheia de perguntas e a certeza de que, mesmo sem querer, todos nós carregamos um pouco dessa história que marcou Goiânia. E que, de tempos em tempos, ressurge nas conversas, nos trabalhos escolares e, principalmente, nas lembranças das famílias que viveram tudo aquilo.

• **Miguel Alexandre Correia da Silva Marques - O Pozinho Ofensivo**

Minha avó sempre dizia: “não confie em tudo, pequeno Miguel. Por causa da curiosidade, uma família morreu e contaminou um monte de pessoas”

Ela gosta de ensinar alguns valores relembando algumas histórias que aconteceram de verdade. Uma delas era sobre um dos maiores casos de radiação do Brasil.

“Era uma vez”, começava ela, “dois homens que se chamavam Roberto e Marcos acharam um pozinho que no escuro brilhava azul. A sobrinha Leide pegou esse pozinho e passou no corpo e na boca, foi que então, começou a se sentir mal e começou a vomitar, foi levada para o hospital e ficou entubada com 8,6 de radiação. O Roberto ainda nem sabia do que se tratava e pegou o ônibus. A radiação dele foi de 7 e sobreviveu, mas algumas pessoas da família morreram”.

• **Reyla Sofia Serrão de Moura - Minha história**

Meu nome é Lourdes das Neves. Era pra ser só mais um dia comum. O céu estava claro, o café no fogão, minha filha brincando no quintal. Mas foi nesse dia que tudo mudou – e o que parecia banal se transformou em tragédia.

Meu marido, Ivo Ferreira, chegou em casa trazendo uma cápsula estranha, de onde saía um pozinho azul que brilhava no escuro. Era bonito, quase mágico. Um brilho desses a gente não vê todo dia. Minha filha achou fascinante. Eu também. Na nossa inocência, aquilo parecia inofensivo. Um pequeno tesouro perdido.

No dia 24 de setembro, minha filha ingeriu o pozinho. Alguns dias depois, começaram os sintomas: tontura, febre, vômitos. Levei-a ao médico. Um, dois, três. Nenhum sabia o que ela tinha. Diziam que podia ser virose, infecção, cansaço. Mas nada fazia sentido.

Uma semana depois, mais gente começou a aparecer no hospital com os mesmos sintomas. Falaram em epidemia. Mas ninguém sabia a origem. Foi ali, olhando para as cadeiras da sala de espera, que me dei conta: todos os rostos ali tinham estado em minha casa. Todos tocaram o pozinho azul.

Maria Gabriela, esposa do meu cunhado que relacionou e correu para um laboratório, levou a cápsula num ônibus. A descoberta caiu como uma sentença: aquilo era cézio-137, um material radioativo, perigoso, mortal. E minha filha, Leide das Neves, já estava gravemente contaminada.

No dia 20 de outubro, o hospital estava lotado. Eu, meu marido, vizinhos, todos com os mesmos sintomas. E então veio a notícia que despedaça qualquer mãe: Leide não resistiria. Era a mais afetada. O brilho azul que nos encantou foi, também, o que a levou embora.

No dia 23 de outubro, ela partiu. Enterrada em um caixão de chumbo, junto ao cézio que nos condenou. Tudo isso aconteceu em Goiânia, em 1987. Uma tragédia causada por falta de informação. Mas, acima de tudo, por algo que parecia tão pequeno – um simples pozinho azul.

Fotografia 1 - Objeto do Museu Memorial da Paz de Hiroshima



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/mustangjoe/15845457165/in/photostream/>

Fotografia 2 - Explosão da bomba atômica



Fonte: Domínio público.

- **Eduardo Martins Alves - Bomba Atômica em Hiroshima e Nagasaki**

6 de agosto de 1945

Hoje foi o dia em que o céu e a terra se uniram em uma explosão que ninguém poderia prever. A luz foi tão intensa que parecia um segundo dia, mas antes que pudesse entender o que estava acontecendo, o chão se abriu debaixo de mim. O barulho... nunca ouvi nada igual. Meu corpo foi lançado para o chão, e tudo ao redor virou poeira e fogo. As ruas estavam cobertas de ruínas. As pessoas, eu... todos nós parecemos estar em outro mundo agora.

Quando consegui me levantar, não consegui enxergar nada direito. Só fumaça, dor e silêncio. O que restou de Hiroshima? Só a memória de uma cidade que não existe mais. As coisas... as pessoas... os gritos. O calor. Como se o próprio inferno tivesse caído sobre nós.

Eu não sei o que fazer agora. Estou vivo, mas por quanto tempo mais? O que restou de todos nós?

- **Ester Larissa Xavier da Silva Lima - Bomba Atômica em Hiroshima e Nagasaki**

16 de agosto de 1945

Querido diário,

Hoje, depois de 10 dias de acontecimento estou em um abrigo juntamente com os sobreviventes, não posso negar que estou com muito medo.

Lembro-me perfeitamente que era 06/08/1945, eu estava no quarto brigando com minha irmã mais nova, quando tudo ficou branco. Quando acordei, minha irmã tinha falecido com o armário em cima dela, eu tinha torcido o pé, então ouvi uma voz me chamar "ei menina", e logo após, uma mão me puxou, eram refugiados me salvando.

Infelizmente, não morri como minha irmã, eu estou aqui há 10 dias e não sei quando será a minha morte, porque estão morrendo um por um. Estou com medo, só esperando o dia da minha ida, igual a todos que aqui estão, todos desejam a morte logo, pois a dor é muito forte.

Estou com fome e medo aqui.

Me despeço com minhas palavras.

Por isso é só.

Hakura

- **Felipe Alves Rosa Serafim - Bomba Atômica em Hiroshima e Nagasaki**

Gyêgu, 06 de dezembro de 2024.

Querido diário,

Mais uma vez estou sobrevivendo desde quando a cidade de Hiroshima foi atingida por uma bomba atômica. Eu com 89 anos de idade não consigo me esquecer daquela explosão que afetou a minha infância.

Meu nome é Sasuke e meu sonho de ir para a Espanha, acabou que não consegui realizar, atualmente estou na China, na cidade de Gyêgu, porque eu não confio mais em estar no Japão na cidade de Hiroshima, aqui na China me sinto mais seguro de morar.

No dia da explosão, dia 06 de agosto de 1945 foi lançada uma bomba nuclear, nesse dia eu estava em casa, a cerca de 10 km de distância, depois de alguns minutos da explosão, começou a chover, mas não

era uma chuva normal, era uma chuva de verde, quando eu olhei na janela, as pessoas estavam se queimando pela chuva, foi muito triste ver aquelas pessoas morrendo.

Depois da chuva, minha família decidiu sair do país, eles não queriam mais correr risco de prejudicar a família com risco de morte.

Quando saímos de avião em Hiroshima, a cidade de Nagasaki, outra cidade japonesa, foi atingida por uma bomba. E isso era um absurdo. E essa foi minha triste história.

- **Isabella Sousa Ramos - Bomba Atômica em Hiroshima e Nagasaki**

22 de outubro de 2019.

Parece que tudo foi de ontem me lembro de cada detalhe da destruição causada pela bomba, e fico triste por lembrar de cenas horríveis durante aquela época. Era um dia normal qualquer em 1945, eu era criança e tinha pelo menos uns 6 ou 7 anos de idade. Minha mãe me chamou para o café da manhã, até que... tudo ficou clarão e ouvi uma explosão. Quando minha mãe pulou em cima de mim para me proteger, depois disso não lembro mais de nada.

Quando acordei, estava cheio de sangue e queimado eu olhei em choque para minha mãe que não estava viva e comecei a chorar, e por causa do choro os soldados conseguiram me resgatar entre as casas destruídas, e queimadas. Depois disso fiquei órfã assim como outras crianças, vi muitos corpos de pessoas mortas e nunca fui o mesmo, com o passar do tempo o desejo de vingança, passou, e não desejo isso para ninguém, nem para os meus inimigos e hoje aos 85 anos tenho uma vida boa, mas não esqueço do meu passado. Este desabafo foi escrito por Akira Togarashi para o seu querido diário.

- **Lael Lourenço Gomes - Bomba Atômica em Hiroshima e Nagasaki**

Hiroshima, 12 de novembro de 2024.

Olá querido diário, hoje é terça 12/11/2024, me chamo Ryu Hanagati e contarei a história do meu passado. Eu me lembro dos tormentos e terrores que foi a Segunda Guerra.

Em meados de 1945, eu brincava feliz em um parque ao lado da minha residência, até que eu vi, um clarão laranja e vermelho. Quando eu dei por mim mesmo, o lugar no qual eu brincava, estava em destroços, carbonizados, porém eu havia saído ileso, quando olhei para trás, vi uma nuvem radioativa gigante.

Procurei minha família em vários lugares, até que eventualmente eu os achei.

Fiquei estupefato ao olhar os restos mortais de meus parentes.

Ainda sinto calafrios ao lembrar dessa história.

- **Maria Clara de Sousa Nogueira - Bomba Atômica em Hiroshima e Nagasaki**

Segunda Feira, 21 de abril de 2024.

Meu querido diário, hoje acordei e estava relembrando no dia que a guerra de Hiroshima aconteceu e comecei a chorar, pois essa guerra me abalou demais, porque naquele momento eu fiquei 24 horas escondida dentro do meu porão, por causa dos homens da guerra que pega todos, as pessoas da minha família e da minha cidade.

Naquele dia, eu estava na minha escola e quando cheguei em casa, senti uma luz forte atravessando os meus olhos. Lembrei que a minha professora havia falado sobre o local de emergência, então, eu e minha mãe pegamos um pouco de água e algumas cobertas, e fomos para esse local. chegando lá, muita gente pediu um monte de coisas que nós levamos. Mas alguns não resistiram e morreram. Eu morava a uma distância de 1km do local onde a bomba explodiu. Minha casa ficou toda destruída. Depois de 10 dias tive que me mudar e ficar na casa da minha avó nos Estados Unidos.

Com amor, Miuki.

- **Thaynne Sophia Ribeiro Fabino - Bomba Atômica em Hiroshima e Nagasaki**

1945, 22 de agosto

Querido diário, estou gravemente ferida.

Me chamo Kiuque Sakura, tenho 14 anos, tenho uma irmã chamada Yuki e uma mãe incrível chamada Renata. Nosso pai infelizmente faleceu no atentado.

Vou me expressar aqui já que perdi a capacidade de falar, amo muito minha mãe e só temos ela para cuidar da gente. Minha pele está toda queimada, mas independente do ocorrido ainda estou muito feliz por estar viva, mesmo muito mal.

Acho que infelizmente vou morrer, pois a cada dia só pioro, vejo que milhares de pessoas morreram e fico muito triste por isso.

1945, 25 de setembro

Olá, eu sou irmã de Sakura e infelizmente ela veio a falecer dia 17 de setembro. Estou muito triste com tudo isso, não sei se tenho forças para escrever, acho que esse seja o fim de ambos os diários. Adeus diário de Sakura.

Yuki

- **Yara dos Santos Barbosa - Bomba Atômica em Hiroshima e Nagasaki**

22 de agosto, 1945.

Olá, me chamo Yuki Kusuqui e tenho 18 anos. Vou dar um resumo do que aconteceu na minha vida. Alguns dias atrás minha vida mudou, uma bomba caiu na minha cidade natal, Nagasaki. Minha irmã Sakura está gravemente ferida, nosso pai faleceu no atentado.

25 de agosto, 1945

Querido diário,

Passaram-se alguns dias e minha irmã está gravemente ferida. Estou solitária, minha irmã já não fala mais, acho que ela não irá sobreviver. Minha mãe está muito mal, estou cuidando delas. Sakura está com a pele levemente solta, larvas estão passando em seu corpo, não sei o que fazer.

28 de agosto, 1945

Sakura está morrendo, não sei o que vou fazer, minha mãe está melhor. Sakura está com larva em um corpo, a ajuda não aparece, ela não irá sobreviver, estamos escutando barulho de fora, achamos que é ajuda.

18 de setembro, 1945

Infelizmente Sakura faleceu na manhã de ontem, o seu corpo foi queimado, estou escrevendo agora, porque não tinha força para escrever. Minha mãe está muito mal, estou em um abrigo, adeus querido diário.

• Eduardo Martins Alves - Carta Pessoal

Em um mundo marcado por constantes conflitos, onde as nações parecem se afastar cada vez mais da paz, o futuro da humanidade se apresenta incerto. Guerras espalham-se por diferentes continentes, alimentadas por disputas políticas, ideológicas e territoriais. O medo de uma nova guerra mundial parece iminente, mas, no fundo, ainda pulsa uma esperança renovada. Em meio ao caos, há aqueles que acreditam que, por mais difíceis que sejam os tempos, a humanidade é capaz de aprender com os erros do passado.

Embora as sombras da guerra se projetem sobre o horizonte, a luz da solidariedade humana se acende em pequenos gestos de paz. Organizações internacionais, movimentos sociais e líderes comprometidos com a justiça e os direitos humanos continuam a lutar contra o ódio e a intolerância. O maior desafio está em unir os povos, superar os interesses egoístas e compreender que a verdadeira força está na diversidade e na colaboração.

Há um caminho de transformação possível, onde o entendimento e o diálogo prevalecem sobre a violência. Um futuro onde as armas sejam substituídas pela educação, onde as fronteiras sejam superadas pela compaixão e onde a convivência pacífica seja o alicerce da civilização. A história nos mostra que, por mais que o conflito seja parte da nossa jornada, a esperança é a força que sempre nos impulsionou para um futuro melhor. O sonho de um mundo sem guerra é uma chama que, embora ameaçada, nunca se apaga. E enquanto houver quem acredite e lute por ela, a esperança será sempre nossa maior arma.

Eduardo.

• Ester Larisa - Carta Pessoal

Caro sr. futuro,

hoje em dia tem sido muito desgastante ver a situação do mundo onde eu vivo. Hoje é 22 de novembro de 2024 e mesmo passando tanto tempo, ainda tenho esperança de um mundo melhor. Sr. futuro, como estão as coisas por aí? Ainda são mortas pessoas inocentes? Ainda existem pessoas que passam fome? Sou casada, ou algo do tipo? São perguntas que me faço.

Sr. futuro, eu espero muito que não haja mais tantas mortes como tem por aqui. Minha esperança é que crianças inocentes não sejam abandonadas como são, espero que as pessoas sejam mais felizes, que se sintam bem em fazer o que gostam e que não tenha tanto preconceito e bullying.

Mas espero sr. futuro que seja próspero, eu já esperei muito do futuro, mas muitas vezes desisto. Espero que não haja tanta política. Agora em 2024 não tenho tantas esperanças para um futuro, mas só você sabe o que será de nós, se o futuro vai piorar ou melhorar. Eu realmente espero que melhore.

Esther.

- **Felipe Alves Rosa Serafim - Esperança para o Futuro**

Goiânia, 26 de novembro de 2001

O que será de nós?

Caro futuro, não sei porque estou escrevendo esta carta, mas nesta terça-feira decidi fazê-la. Quando eu caminho vejo árvores balançando, 'passarinhos cantando, mas quando eu olho para a rodovia vejo fumaça, gasolina no chão, homens cavando para tirar petróleo. Aff, não aguento mais tanta poluição. Na minha casa tem uma árvore tão linda e sabe porque ela está assim? Por que eu cuido dela, eu rego todo santo dia.

Eu tenho várias dúvidas sobre você senhor futuro. Será que algum dia você será melhor? Eu estou torcendo por você, eu tenho poucas esperanças sobre você, mas eu torço por você!

Neste ano também derrubaram as torres gêmeas, foi a maior destruição em 2001. Bom, por esse motivo que tenho poucas esperanças. Se algum dia mudar as atitudes do homem, eu prometo que vou ajudar todas as árvores do mundo.

Neste momento, só tenho 13 anos e não posso viajar por aí sozinho. Mas quando eu tiver 21 anos vou viajar por aí para salvar o planeta.

Por fim, senhor futuro, fico esperando suas novidades.

Felipe.

- **Isabella Sousa - Carta Pessoal**

Goiânia, 26 de novembro de 2024

Carta para o senhor Futuro!

Querido futuro, estava aqui refletindo e pensando o que vai ser daqui 10 ou 20 anos. Será que o ser humano vai existir? Eu vou estar viva? Será que vai ter robôs? E os conflitos de guerra ainda vão existir? Bom, ninguém sabe o que vai acontecer daqui para frente, mas espero que o futuro seja bom.

Imagina daqui a 30 anos. O planeta ainda vai existir? Será que a fome vai acabar? Eu acredito que o mundo ainda possa ser bom, mas o planeta Terra não pode aguentar guerras e desmatamento e estava pensando que talvez pode ocorrer a 3a Guerra Mundial e isso é preocupante. Acho que o homem deveria ter mais consciência em relação à guerra porque a Primeira e Segunda foram horríveis, deixando milhões de pessoas mortas.

Eu ainda tenho esperança na humanidade, mas ultimamente o aquecimento global e as guerras estão aumentando e devemos estar alertas e tentar impedir essa situação.

Até mais! Isabella.

- **Lael Lourenço Gomes - Carta Pessoal**

Goiás, 26 de novembro de 2024.

Olá senhor Futuro,

Hoje eu vejo todo o caos e destruição que está ocorrendo nesses dias. Há três guerras acontecendo simultaneamente causando um número massivo de mortes. Espero que no futuro essas guerras acabe, mais ainda há problemas como o desmatamento em massa na Amazônia, além do aquecimento global que vem ficando pior a cada dia.

Porém, não estamos apenas em dias ruins, há pessoas lutando contra esses problemas e tentando resolver.

Espero que com você sr. futuro, essas guerras acabem e o aquecimento global diminua. Eu conto com você, sr. Futuro!

Com amor, Lael.

- **Miguel Alexandre - Carta Pessoal**

Goiânia, 06 de novembro de 2024.

Sr. futuro,

tenho esperança de carros e motos, de coisas novas, boas. Que não exista guerras. E que muitas pessoas estejam se formando na escola, na faculdade e trabalhando. Que venha as pessoas boas com saúde. Estou escrevendo esta carta para o senhor Futuro daqui do Jalles M. de S. numa bela manhã. Ainda tenho esperança de um futuro bom, bem sucedido.

Miguel Alexandre

- **Thaynne Sophia - Carta Pessoal**

Goiânia, 06 de novembro de 2024

Querido senhor futuro, espero que esteja tudo melhor que hoje. Estou aqui em uma quarta-feira do dia 06 de novembro de 2024, deixando aqui minhas esperanças para o futuro. Espero que o mundo seja mais limpo, que deixe de existir guerras, que nós seres humanos deixemos de ser pessoas horríveis. Acredito que no futuro haverá formas de cuidar do meio ambiente. Minhas esperanças para o futuro são poucas, mas acho que essas coisas estarão melhores no futuro. Espero estar casada, com filhos, ter viajado o mundo. Espero estar com a minha tão sonhada profissão, que é ser pediatra, quero ter netinhos. É isso! Essas são as minhas esperanças.

Thaynne Sophia

DA TELA AO TEXTO: O USO DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS COMO FERRAMENTAS PARA ESTIMULAR A PRÁTICA DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Danielle Gomes Geraes Lima³

O presente estudo trata-se de um relato de experiência pedagógica produzido a partir da participação no projeto Churinga, desenvolvido pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG). O objetivo deste relato é enfatizar as contribuições positivas do uso de recursos audiovisuais para estimular e potencializar a prática da escrita na Educação Básica. Para isso, compreendemos o texto como lugar de interação entre o sujeito autor e seu interlocutor. Nesse sentido, o texto é analisado em sua natureza dialógica, conforme elucidam os estudos de Bakhtin (2006) sobre os gêneros do discurso.

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (Bakhtin, 2006, p. 115).

Essa natureza dialógica do texto é potencializada quando, em sala de aula, o professor utiliza recursos audiovisuais para apresentar aos alunos, na prática, como ocorre a produção de sentidos dentro do texto, visto que esses recursos permitem, por meio das imagens, sons e movimentos, o desenvolvimento da leitura crítica de narrativas de modo que favorece, posteriormente, a construção de parágrafos mais coerentes.

De se destacar que o ato de registrar, por meio da escrita, a vivência, a experiência da humanidade ao longo dos tempos é de extrema importância para perpetuar nossas histórias e costumes. Escrever é fixar, nas memórias do tempo, as nossas peculiaridades e aquilo que é universal, aquilo que é humano. Os recursos audiovisuais potencializam essa experiência humana e universal, uma vez que expõem os alunos a diferentes realidades e permitem a expressão de opiniões por meio de textos narrativos e argumentativos.

Ademais, o avanço tecnológico facilitou o acesso a diferentes fontes de informação, fazendo com que os textos produzidos na contemporaneidade sejam multissemióticos e multimodais. Logo, surge a necessidade de, em sala de aula, abordar diversas formas de linguagem.

³ Docente de Educação Básica na Rede Particular de Ensino de Piracanjuba, Goiás. Mestranda em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/Cepae/UFG). E-mail: daniellegomesgeraes@gmail.com

São necessárias novas ferramentas – além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação. São requeridas novas práticas: (a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas ferramentas; (b) de análise crítica como receptor. São necessários novos e multiletramentos (Rojo, 2012, p. 21).

Diante do exposto, é possível afirmar que os recursos audiovisuais em sala de aula auxiliam na aquisição de multiletramentos, uma vez que são multissemióticos, produzindo sentido por meio das imagens, cores, sons, movimento e diálogos.

As aulas de redação devem proporcionar aos alunos momentos de reflexão, pesquisa e questionamento, visto que “vivemos em um mundo em que se espera que as pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens (...) que tenham autonomia e saibam buscar como e o que aprender, que tenham flexibilidade e consigam colaborar com a urbanidade” (Rojo, 2012, p. 27).

Koch (2009, p. 37-44) destaca que, quando escrevemos, mobilizamos diferentes tipos de conhecimentos: conhecimento linguístico, referente à ortografia, gramática e léxico; conhecimento enciclopédico, relativo aos conhecimentos de mundo armazenados na memória do sujeito; conhecimento de textos, que diz respeito aos “modelos” (gêneros) configurados em textos; e, por fim, conhecimentos interacionais, que se referem aos modelos cognitivos que o produtor possui sobre práticas histórica e culturalmente constituídas.

Nessa perspectiva, reconhecendo essa diversidade de conhecimentos necessários para a prática escrita, o educador deve possibilitar ao aluno o acesso a uma multiplicidade de fontes de informação para que, ao longo da vida escolar, o discente construa uma bagagem de conhecimento enciclopédico e interacional.

Nesse aspecto, as produções audiovisuais são ferramentas de grande valia para a análise crítica, pois, ao vivenciar diferentes culturas, posicionamentos e realidades, por meio de documentários, filmes e curtas-metragens, o aluno será capaz de tomar consciência de si mesmo como sujeito inserido neste mundo e, portanto, compreender-se como agente de transformação da realidade. Isso fará com que as produções de textos se tornem mais significativas.

Vale ressaltar que uma dificuldade evidente para alunos do ensino fundamental é a ordenação da narrativa em uma sequência lógica dos acontecimentos. A esse respeito, o trabalho com a produção de audiovisuais como ponto de partida da proposta de redação é magnífico, pois estimula a criatividade dos alunos, favorece o uso de diferentes linguagens e corrobora a superação dessa dificuldade de sequencição da narrativa, uma vez que, após a criação do audiovisual, os alunos demonstram maior facilidade na construção de textos mais coerentes nesse aspecto.

Durante a execução do projeto Churinga, as crianças participantes relataram maior facilidade para ordenar a narrativa, depois que assistiam ao audiovisual produzido. Além disso, destacaram que o recurso as ajudava a selecionar o léxico adequado à proposta, pois conseguiam verificar a melhor forma de expressar determinadas emoções no texto escrito.

Concluindo, a experiência de participação no projeto Churinga foi fantástica e proporcionou tanto para os educadores quanto para os alunos um novo olhar para a prática de produção textual entrelaçando habilidades de domínio das novas tecnologias para elaboração e edição dos vídeos e as habilidades de escrita, essenciais para a trajetória acadêmica. Entre a tela e o texto escrevemos, juntos, histórias de sucesso.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

KOCK, I. V. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2012.

ROJO, R. H. R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

PRODUÇÕES TEXTUAIS: ESCOLA DE REDAÇÃO CRIAR CONTEXTO

Estudantes da Profa. Danielle Gomes Geraes Lima

Os textos aqui apresentados foram mantidos em sua originalidade, respeitando o processo de escrita dos estudantes. Muitas fotografias inicialmente selecionadas pelos autores foram trocadas por imagens de domínio público.

- **Ana Eliza Bisinoti - O terror da guerra**



Oi, me chamo Joana e hoje irei contar como quase fui vítima da 2ª Guerra Mundial.

O lugar onde eu morava com meus filhos ficava bem longe do principal centro da guerra, portanto eu estava tranquila cuidando deles. Mas, ao mesmo tempo, me sentia receosa, pois a guerra não avisa onde irá destruir.

O meu marido era um dos combatentes. Eu sempre tranquilizei as minhas crianças, dizendo que nada de ruim aconteceria a nós. Entretanto, infelizmente, certo dia uma bomba atingiu o meu prédio... Bom, não preciso nem dizer. Meus filhos não resistiram e vi meu marido caído no chão, morto.

Fiquei sozinha. Hoje estou aqui, em minha casa, triste, mas agradecida por esse pesadelo ter acabado, apesar das marcas que deixou em mim.

- **Ana Liz Fonseca Santos - Vítima da bomba napalm**



Me chamo Kim Phuc. Morava eport vila no Vietnã e, em 1972, caiu uma bomba napalm sobre minha amada vila. Saí correndo junto com meus eporter e amigos; estávamos todos desesperados e só sabíamos gritar.

O ambiente estava destruído e sujo, com vários objetos e alimentos espalhados pelo chão. O céu estava todo preto, coberto por uma fumaça que irritava nossos olhos e narizes, dificultando a respiração.

Infelizmente, tive graves queimaduras no corpo. Senti uma dor insuportável e pensei que iria morrer.

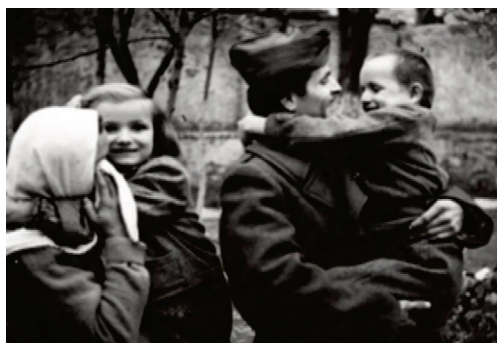
Depois de 50 anos, estou nos Estados Unidos, fazendo minha 12ª terapia para as queimaduras. O tratamento foi realizado gratuitamente, desde 2015, em um instituto para cicatrizes.

Atualmente, já terminei as terapias e estou bem melhor. Tomara que as pessoas entendam os eporte que as guerras geram e nunca mais utilizem bombas. No dia em que fui atingida pelo napalm, um eporter tirou uma foto minha, na qual apareço nua, pois eu literalmente “pegava fogo”. Que dores insuportáveis senti – era como se minha pele derretesse rapidamente.

Sem dúvidas, aquele foi o pior dia da minha vida. Eu já estava eporte de dor, e o eporter jogou água sobre meu corpo. Mas, ao invés de ajudar, ele atrapalhou, pois a substância da bomba pela qual fui “queimada” se intensifica quando exposta à água. Por isso, meu corpo começou a queimar ainda mais, e as queimaduras se agravaram.

Graças a Deus, deu tudo certo: o tratamento ocorreu como planejado, e eu melhorei.

- **Ana Vitória Ribeiro Souza Oliveira - Famílias separadas**



Oi, eu sou Pablo Santos, tenho três anos de idade. Desde que a guerra aqui na Síria começou, muitas coisas tristes começaram a acontecer aqui.

O meu pai, Gabriel Santos, foi para o exército. Eu fiquei com a minha mãe, Luiza Machado, e com as minhas irmãs gêmeas, Mariana e Olívia.

Um homem veio e avisou que o papai faleceu na guerra. Além disso, a nossa casa foi destruída por uma bomba. Fomos para a fazenda ficar com a vovó.

Quando o trem que nos levaria até a fazenda chegou eu só via a minha avó chorar. As famílias se despediam e também choravam.

A guerra destruiu tudo, mas vou guardar em minha memória as lembranças boas com a minha família.

- **Anny Vitória Gomes de Oliveira - Diário de um escravizado**



Pintura do francês Jean-Baptiste Debret de 1826 retrata escravos no Brasil

Em um dia normal, como os outros, acordei e fui seguir minha rotina. Logo, fui trabalhar para conseguir o que comer. Depois de um tempo, cheguei em casa e fui me deitar. Após alguns minutos, escutei gritos e choros vindo de perto de casa; mesmo preocupado, ignorei e fui descansar.

Dez minutos após fechar os olhos, ouvi passos vindo da sala. Sem tempo de pensar no que fazer, apenas senti alguém me algemando e mandando que eu ficasse quieto. Homens de roupa preta me levaram para uma carroça, juntamente com milhares de homens e mulheres que imploravam para serem tirados dali.

Depois de horas dentro da carroça, chegamos a uma mata escura e emperatura, cheia de materiais de trabalho. Colocaram-nos brutalmente em senzalas e nos mandaram descansar, pois teríamos um dia cansativo pela frente.

Quando amanheceu, fomos levados para a área de trabalho e ficamos lá por horas e horas, sob uma emperature de quase 40°. Depois, nos serviram uma comida nada apetitosa, de textura pegajosa; porém, tive que comer, pois, caso contrário, passaria fome durante o trabalho.

E assim aguentamos 388 anos sendo escravizados, até o dia 13 de maio de 1888, quando a princesa Isabel, filha do imperador Dom Pedro II, assinou a Lei Áurea, que marcou o fim da escravidão no país.

- **Augusto Silva Peixoto - A tristeza da guerra**



Oi, o meu nome é Miguel, eu tenho 3 anos. A minha cidade está sendo destruída pela guerra da Síria. Eu estou com muito medo de morrer. Um tiro acertou a minha perna e agora está sangrando.

Eu estou triste e cansado. Meus pais desapareceram. Quando eu lembro deles, eu choro. Quero tanto a minha família de volta!

- **Cassiano Mendonça de Paula - Socorro**



Oi, o meu nome é Fred Machado dos Santos. Eu tenho 3 anos. Vivo na guerra da Síria. Aqui está cheio de soldados.

Eu estou com muitas saudades da minha família e sinto muito medo das armas.

Se você está lendo isso, eu peço SOCORRO! Por favor, me ajude.

- **Guilherme Alves Silva - 2ª Guerra Mundial**



Eu acho que o meu fim está próximo. Perdi amigos e companheiros. Meu nome é Breno e estou vivendo o fim do mundo.

Várias perguntas passam pela minha cabeça, como: quando tudo isso vai acabar? Por que eu não consegui ajudar meus amigos?

Bombas de gás venenoso, tiros por toda parte e várias outras atrocidades. A palavra “paz” não existe aqui.

Carrego traumas que nunca serão apagados. Só queria que tudo isso acabasse logo.

- **Isabela Bernardes Lima - Como ajudei na 2ª Guerra Mundial**



Olá, me chamo Madalena, eu ajudo os soldados na 2ª Guerra Mundial. Se você estiver se perguntando como, deixa que eu explico: como sou mulher, não posso ir para a guerra lutar, então ajudo os soldados, pois muitos deles acabam se machucando!

Mas, mesmo assim, às vezes tenho que me esconder dos soldados de outro país. Sempre que tenho um tempo, vou ver os meus filhos, mas isso raramente acontece. Acho que eles sentem a minha falta, mas, infelizmente, não posso fazer nada...

Eu quero que tudo isso acabe, mas, pelo que vejo, isso está longe de terminar.

- **Jamilson Nunes Franco Neto - A vida nas trincheiras**



Eu nasci em 1875 e, hoje, com 80 anos, não sei ainda como estou vivo. Vivi o horror da Primeira Guerra Mundial.

Nas trincheiras, eu e meu irmão lutamos. Certa vez, recebemos um ataque noturno. Meu irmão percebeu a movimentação e, juntos, conseguimos nos esconder. Depois de dias, saímos do esconderijo e vimos que muitos de nossos companheiros estavam mortos.

Eu e meu irmão fomos os únicos sobreviventes. Fomos transferidos para outro batalhão e, depois de dois anos lutando, a guerra finalmente acabou.

- **João Carlos Leal Castro - Medos da guerra**



Oi, o meu nome é Enzo. Eu estou me rendendo à uture. Os soldados me encontraram no tubo de ventilação, eu já saí de lá com as mãos para o alto.

Sinto muito medos dos barulhos das bombas. Tenho saudades da minha família que morreu nos bombardeios. Sinto-me sozinho e triste.

O meu sonho é ter minha família de volta e voltar para casa para utureç paz.

- **João Vitor Teles Magalhães - Um dos últimos sobreviventes**



Sou um sobrevivente de um grande conflito armado, mais conhecido como Segunda Guerra Mundial. Atualmente, carrego muitas cicatrizes. Eu era bombardeiro no campo de guerra, inclusive sendo brasileiro.

Neste momento, estou aposentado e vivo tranquilamente. Faz tempo que não saio de casa, pois já sou idoso e não posso ficar andando por aí. Meu cuidador faz tudo por mim, como cozinhar, lavar a casa, entre outras tarefas.

Voltando um pouco à Segunda Guerra, tive de enfrentar muitos soldados, como os alemães. Quando a guerra acabou, comemoramos e vibramos muito. Havia, porém, os que estavam com infecção, doentes, os que estavam muito feridos e, claro, não podemos esquecer daqueles que se sacrificaram por nós.

- **Lucas Rodrigues Barreto de Souza - A criança indefesa**



Oi, eu me chamo Davi. Estou no meio da guerra. Sinto muito medo. Aqui tem muitas pessoas gritando, tem soldados andando com armamentos grandes nas mãos.

Eu corro e procuro um lugar seguro sem que veja os soldados ou ouça algum barulho das bombas. Eu me sinto muito triste, porque na guerra ninguém vive em paz, por isso decidi fechar os meus olhos para esse horror.

- **Luís Otávio Souza Lima do Couto - Eu, prisioneiro judeu**



Eu tinha 13 anos naquela época e havia acabado de sobreviver a mais uma noite com fome, sujo e com frio. O sol do amanhecer entrava pelas frestas do teto, clareando o local e me fazendo enxergar a tristeza das pessoas que ali estavam comigo.

O cheiro da fumaça me fez lembrar do último dia em que vi minha mãe e minha família. A saudade era tanta que cortava meu coração como uma faca afiada.

Além de a comida ser pouca, nosso prato era o penico que eu usava durante a noite. Eu me sentia um animal desmazelado e, para os nazistas, não tínhamos sentimentos.

No final do dia, voltava exausto de tanto trabalhar, além da fome e da sede, sem ter nenhuma esperança de um futuro melhor.

- **Manuela Duarte Guimarães - O sofrimento da guerra**



Na Segunda Guerra Mundial eu quase morri inúmeras vezes. Muitas pessoas da minha família faleceram, pois não resistiram às atrocidades da guerra.

Famílias destruídas, crianças mortas, muito ódio e sofrimento, esse foi o cenário por longos anos.

Como sobrevivente ainda carrego as marcas invisíveis da guerra. Quando ouço qualquer barulho sinto muito medo. Para sempre odiarei barulhos estrondosos.

- **Manuela Ferreira de Melo - As dores do Holocausto**



Eu me chamo Helena e, infelizmente, passei por muitas situações durante a minha infância que não desejo que nenhuma criança vivencie.

Sou uma vítima do Holocausto. Nessa época, eu tinha treze anos e vivi a pior experiência de toda a minha vida.

Depois de ficarmos escondidos em um subsolo de um restaurante por longos três anos, eu e meus três irmãos fomos capturados pelos alemães. Fomos separados e enviados para campos de concentração diferentes. Assim, fiquei sem minha família, sem ninguém para me consolar. Era apenas eu.

No campo de concentração, passei fome, raspavam meu cabelo e me espancaram inúmeras vezes até eu desmaiar. Fizeram crueldades com todos que estavam lá.

Além de ver inúmeros corpos sem vida empilhados, presenciei também a morte das minhas únicas amigas. Uma delas perdeu a vida devido à febre tifoide. A outra foi levada para uma casinha pequena; junto com ela entraram muitas outras pessoas e, de lá, vi sair uma fumaça preta. Ninguém nunca mais saiu de lá.

Com muita luta, consegui sobreviver ao Holocausto, mas infelizmente não consigo apagar da minha memória nenhuma das cenas que presenciei.

- **Maria Eduarda Barreto Pontes - Como é a guerra para as crianças**



Eu sou o Pedro, tenho três anos e vivo em meio à guerra. Para os adultos essa situação é triste, mas para nós, crianças é ainda pior.

Sinto muita falta dos meus familiares, da escola, dos meus amigos, professores e, principalmente, da minha casinha.

Os barulhos me assustam, eu não consigo mais dormir.

Me sinto muito triste. Eu só queria uma infância igual a dos outros. Eu quero e mereço ser feliz.

- **Miguel de Almeida Gonçalves - O terror dos campos de concentração**



Meu nome é Humberto e estou em Auschwitz. Aqui sou escravizado e qualquer coisa que fizermos de errado é motivo para espancamentos.

Desde o início da guerra, a diferença foi gritante. Mas eu não podia fazer nada, pois, como sou judeu, fui capturado. Durante muito tempo assisti de longe, escondido entre os escombros. Porém, quando finalmente me prenderam, minha família estava em outro lugar; felizmente, eles não foram levados.

Agora começaram a nos retirar dos dormitórios... Mas por quê, a essa hora da noite? Iremos morrer. Estão nos levando para a câmara de gás! Estão mandando que tiremos as vestimentas. Alguém soltou uma pedra... acabou para nós.

- **Miguel Vieira Lopes - O terror da guerra**



Cumprimento aos meus caros leitores. Me chamo Desmond e participei da Segunda Guerra Mundial. Sou japonês. No ano de 1940 entrei na guerra, tinha apenas 20 anos. Agora tenho 80 e escrevo estas memórias no início dos anos 2000.

Meu pai havia participado da Primeira Guerra e me dizia que eu era louco por querer ir, pois as chances de sobrevivência eram quase nulas. Apesar de seus alertas, eu fui. Não podia pegar em armas devido à minha religião e, acima de tudo, não queria ferir ninguém.

Quando cheguei lá, deixei para trás minha namorada e minha família. Era muito triste. Tiraram minha roupa, me espancaram e, quando descobriram que eu não podia pegar em armas, o comandante não gostou. Queria me expulsar da guerra. Todos estavam contra mim. Mesmo assim, lutei muito para permanecer. Quando chegamos ao front, havia cadáveres por todos os lados. Caminhões chegavam cheios de mortos. Um médico dizia que era horrível. Logo no início, enfrentamos os aliados.

Eles eram cruéis: atiraram no homem que eu mais odiava, mas, quando fui socorrê-lo, ele sobreviveu e, ironicamente, tornou-se meu amigo. Depois, esse mesmo homem me salvou da morte. No dia seguinte, foi baleado de novo. Tentei socorrê-lo, mas não consegui. Outros companheiros também estavam morrendo. Falei para ele ficar calmo e corri para salvar o resto. Mesmo exausto, continuei ajudando.

Todos gritavam o meu nome. Quando atiravam em mim, eu usava corpos no chão como proteção. Os guardas perceberam que sempre aparecia alguém arrastado e pensaram que eu estava morto.

No fim, consegui salvar 75 homens – algo praticamente impossível. Todos me respeitaram, bateram palmas para mim. Aprendi muitas coisas na guerra, mesmo sendo terrível ver tantas mortes. Apesar da dor, sinto que fui muito importante lá.

- **Nathália Castro Silva - Paz, não vingança**



Pra que tanta briga, confusão e ignorância? Poderíamos estar em paz, porém aqui estamos em guerra e nem sabemos se iremos voltar para casa, se a guerra irá acabar.

Óh céus! Noites sem dormir com medo de algo pior acontecer; durante o dia, sinto medo de andar, pois há armas por todos os cantos.

Durante anos, a única coisa que passa na cabeça dos governantes dos países em guerra é vingança, vingança e mais vingança, enquanto nós só queremos paz.

- **Sarah Cordeiro Guimarães - A guerra do Paraguai**



A Batalha do Riachuelo, um dos maiores conflitos da Guerra do Paraguai - Wikimedia Commons

A princípio, essa guerra começou no Uruguai, que estava em conflito interno e se dividiu entre dois partidos: o Blanco e o Colorado. O partido Blanco pediu ajuda ao Paraguai, enquanto o Colorado buscou apoio do Brasil e da Argentina, que ajudaram sem problemas.

Eu sou o imperador do Brasil, Dom Pedro II, casado com Tereza Cristina di Bourbon, e temos três filhos. Devo dizer que aceitei entrar nessa guerra, pois o partido Colorado foi mais receptivo conosco e com nossos planos. Entretanto, sinto que essa guerra ainda terá um longo caminho pela frente.

A princípio, Mitre, o governante da Argentina, não queria nos apoiar. Porém, quando Solano López invadiu o território argentino, ele passou a nos ceder apoio, pois agora o Paraguai estava em guerra contra nós. E, por mais que eu quisesse ir para o campo de batalha, meus companheiros diplomatas não permitiam.

Está decidido! Se não me deixassem ir para a guerra, eu abdicaria da coroa, nem que tivesse de lutar por isso. Finalmente, após grandes discussões diplomáticas, permitiram-me partir. Contudo, não iria como imperador, nem como rei; iria apenas como um simples soldado, um servo do meu país. E não fui sozinho: meu povo foi comigo – cidadãos, escravos, todos unidos para defender nosso território.

Muito tempo se passou. Houve derrotas, vitórias, mortes e feridos. Porém, isso estava prestes a acabar: acabamos de conquistar a passagem de Humaitá e agora temos acesso direto à capital do Paraguai. Tenho certeza de que venceremos essa guerra.

Esse tirano, Solano López, acaba de colocar mulheres e crianças no meio da guerra! Os soldados estão descalços e sem munição, e as crianças empunham armas brancas. Isso é um verdadeiro caos, mas não posso recuar, não diante dele. Confio essa missão ao meu melhor soldado, Francisco Lacerda – ou melhor, Chico Diabo. Tomara que ele consiga derrotar esse tirano e que essa guerra acabe de uma vez.

Finalmente, a guerra terminou e saímos vitoriosos graças a todos os nossos soldados e ao apoio da Argentina. Agora nos tornamos uma potência dominante e, apesar do desgaste político em nossa reputação, fico feliz por termos vencido.

- **Arthur Bortoloti Americano de Freitas - As memórias de Eloy**



Me chamo Eloy, nasci em Viradouro, São Paulo. Infelizmente, tive de viver em uma época delicada e que assombrará o nosso país por muitos anos. Vivo no período da Ditadura Militar.

Nossa sociedade é altamente censurada. O ser humano não pode expressar-se contra o cruel e injusto regime. Minha mãe, dona Tereza, sempre me pede para tomar cuidado, porque nunca se sabe quando a política da ditadura estará atrás de nossa cabeça. Nesses dias sombrios, se você abrir a boca para criticar o governo, você será capturado e, talvez, até morto.

Fui aprovado no curso de direito da Universidade de São Paulo (USP). Pelo fato de ser uma universidade pública, corríamos o risco de também sermos capturados, caso expressasse oposição ao regime militar. Por isso, minha mãe aconselhou-me a ficar quieto, não participarei de protestos, ficarei focado somente em meus estudos.

Apesar de não envolver-me nos conflitos, sinto o clima de medo no ambiente. Tudo aqui parece uma base militar com soldados espalhados por todo canto. Fico estremecido apenas em pensar que minha vida está em risco.

Eu tenho consciência de que estou perto da morte, apenas por frequentar este espaço. Estou firme, cumprindo o meu papel de estudante e certo de que a democracia é a melhor organização política para a nossa sociedade.

- **Ana Eliza Bisinoti - Ditadura militar no Brasil**



Foto de Eunice Paiva

Oi, chamo-me Margarethe, sou mãe e passo por muitas dificuldades. Hoje foi aniversário da minha filha e não pude fazer uma festinha com convidados. Ela ficou bem triste. Foi horrível ficarmos escondidas... poxa, só queríamos comemorar o aniversário da nossa filha.

A Ditadura Militar proibiu-nos de fazermos várias coisas. Esse período está sendo um dos mais tensos da história brasileira e ficou marcado pela ausência de opositores políticos e pela prática de terrorismo de Estado.

Manchas de sangue, gritos apavorantes, tristeza... e eu sempre me pergunto, desesperada, quando esse filme de terror vai acabar? Espero que esse pesadelo termine logo.

- **Isabela Bernardes de Lima - Ditadura militar no Brasil**



Olá, meu nome é Joana, tenho 50 anos e passei 11 anos da minha vida no período da ditadura militar. Ou seja, minha infância foi sofrida e, pelo que minha mãe me dizia, a ditadura começou no ano de 1964.

Nessa época, não podíamos dar nossas opiniões, reclamar do governo ou até mesmo questionar algo dito pelo governador.

Passei muitos anos da minha vida sofrendo e perdendo a oportunidade de ser uma criança feliz. Hoje, fico muito alegre por minha filha não ter passado por essa situação.

Fui uma criança muito insegura, pois sempre que saímos à rua havia um soldado nos vigiando ou até nos tratando de forma agressiva.

Esse problema acabou, trazendo paz às nossas vidas. Finalmente!

- **Jamilson Nunes Franco Neto - Amanhã há de ser outro dia**



Dia 8/5/1964, fui preso apenas por querer os meus direitos. Estou preso. Após um dia de trabalho, bati de frente com um protesto contra a ditadura, sendo um dos líderes do movimento.

Eu apanhei e fui preso. Minha família também foi presa e morta. Não sei se vou ser morto ou não. Meus direitos, minha liberdade de expressão... tudo já acabou. Eu não tenho mais nada.

Espero que isso dure pouco, pois as pessoas não aguentam mais. "Amanhã vai ser outro dia."

- **João Vitor Teles Magalhães - Diário durante a ditadura militar**



1º de abril de 1964

Hoje estou escondido em meu quarto. Acabei voltando no tempo e me encontro no início da ditadura. A vida aqui é dura, mas pelo menos espero que isso esteja acabando. Tenho que ficar em casa, pois estou sendo procurado: falei mal do governo em público e também fiz cartazes contra ele.

4 de abril de 1964

Já se passaram três dias e me encontraram. Estou preso. Apanhei um pouco, mas já estou melhor. Dizem que ficarei detido por alguns meses. Até que estou me dando bem... caso algo aconteça, relatarei aqui.

13 de dezembro de 1968

Saí hoje, finalmente livre. Mas continuo vigiado. Agora vou voltar a participar desses movimentos contra a ditadura. Talvez volte para trás das grades, mas não ligo, quero apenas que isso acabe. Hoje anunciaram o Ato Institucional nº 5. A repressão aumentou. Tenho medo, mas não consigo me calar.

28 de agosto de 1979

Finalmente tudo terminou para mim. Depois de anos de silêncio e medo, sinto que posso respirar novamente. Muitos exilados estão voltando ao Brasil. Ainda carrego os traumas, mas vejo esperança.

15 de janeiro de 1985

Agora estou em paz. O país volta a sonhar com democracia. Depois de tantos anos de repressão, posso dizer que encontrei tranquilidade e felicidade no conforto da minha casa.

- **Ana Liz Fonseca - O sofrimento**



Sou a Madalena, tenho 84 anos e passei 21 anos sofrendo devido à Ditadura Militar, que foi uma forma de governo autoritário onde o poder político era efetivamente controlado por militares. Foi marcado pela tortura, morte aos opositores, censura à imprensa e diversas outras.

No período em que ocorreu a Ditadura, eu tinha 60 anos e estava junto dos meus nove filhos, lembro que eles choravam de medo e isso me deixava triste. Ter lembranças horríveis da infância não é fácil, é muito doloroso.

Se eu pudesse voltar no passado e de alguma forma impedir a Ditadura, eu com certeza tentaria. Mas realmente era impossível, pois eram vários militares armados e se os desafiasse, morreria. Eu só pensava em meus filhos e no tanto que os amo.

Foi muito desafiador, mas ainda bem que acabou e nós sobrevivemos. Alguns apenas se machucaram.

Espero que isso nunca aconteça novamente e que meus filhos possam desfrutar da liberdade, felicidade que antes não tinham, que recuperem o tempo perdido.

- **Manuela Melo - Um ditador pede perdão**



Eu me chamo Humberto de Alencar Castelo Branco e desejo desculpar-me com o Brasil devido a todas as maldades que eu fiz no período da ditadura militar.

Atualmente, tenho oitenta e dois anos e, sentado em minha antiga poltrona, estou pedindo a Deus perdão e implorando para que eu tenha ao menos uma morte tranquila.

Durante os meus cinco anos de poder no período do regime militar fiz muitas maldades, sempre acreditando que eu fazia o certo, pois eu pensava que se eu controlasse a todos e punisse aqueles que fossem contra o regime, o Brasil seria um país mais próspero.

Hoje, compreendo que minhas ações provocaram muitos assassinatos, estupros e prisões, além de muito autoritarismo e censura. Por isso, carrego um peso enorme nas costas, pois fiz inocentes sofrerem. Com a morte aproximando-se de mim, eu só peço que vocês, brasileiros, perdoem-me.

- **Matheus Moraes Machado - Vida mais que dupla**



Acordo em mais uma manhã fria e sombria e mais uma vez tento sobreviver a esta escura e sombria maldição chamada Ditadura Militar, regime supostamente criado para nos defender das ameaças comunistas, mas eu não irei me calar, defenderei até a morte, pois mostrarei para todo o Brasil que esses militares não estão nos protegendo. Os militares, na verdade, tentam nos calar e oprimir.

Decidi usar uma identidade falsa para defender a democracia, eu sei que isso é um risco. Mas por meio da minha identidade falsa, consigo entrar nos jornais e descobrir quais foram as informações substituídas por receitas de bolo. Ao descobrir as informações, eu informo os estudantes da UNE e também envio informações para outros grupos de resistência.

Às vezes eu sou descoberto, então dou um jeito de fugir e ficar escondido até conseguir novamente um novo documento falso.

Certo dia, dirigindo com o meu carro de janelas abertas, ouço sussurros e gritos de desespero que o vento traz até os meus ouvidos. Logo, me dei conta de que militares me cercaram e começaram a atirar em

mim com grandes e poderosas armas de fogo. Agora estou morto, mas deixo aqui registrado que o tempo trará a democracia de volta e eu desejo que vocês lutem para os ditadores nunca mais assumirem o poder.

- **Miguel de Almeida Gonçalves - Ditadura, uma crueldade sem fim**



Há 60 anos houve um golpe militar. Durante esse tempo testemunhei a morte de muitas pessoas. Eu sou João, trabalhei no exército durante a ditadura.

Eu vi muitas mortes acontecerem por motivos insignificantes, mas como eu trabalhava para o exército, tinha a obrigação de ficar calado, pois se eu abrisse a minha boca me executariam. No entanto, todos os dias registrei os meus desabaços nas páginas do meu diário.

No fim da ditadura, depois que a população brasileira recuperou a sua voz, percebi como era diferente a vida sem o medo.

- **Miguel Vieira Lopes - A injustiça é o problema do Brasil**



Saudações. Meu nome é Arnaldo. Fui raptado pelo governo – que injustiça! No dia 20/04/1970, vieram dois guardas, quando eu tinha apenas 20 anos.

Com armas para me humilhar, tentei correr, mas me pegaram. Não pude sequer dar uma opinião. Era um regime político no qual membros das forças armadas se uniam para agredir pessoas comuns, que não podiam expressar sua voz.

Os alimentos estavam caros, havia violação dos direitos humanos, desigualdade social, ameaças constantes ao humanismo... e, diante de tudo isso, ainda achavam que estavam certos.

Feridas foram deixadas tanto no âmbito pessoal quanto no social. Muitas pessoas estavam sendo perseguidas, famílias destruídas, pois todos lutavam por seus direitos.

Eu tinha filhos e uma mulher maravilhosa. Mas logo fui sequestrado e, com o coração apertado, escutava meu filho gritar: "Papai!". Depois disso, nunca mais vi nenhum deles. Perguntava-me todos os dias quando voltaria para casa, mas mal sabia que aquele seria o meu último abraço.

O mundo precisa de ajuda.

- **Nathália Castro - O preço do grito é a morte**



Meu nome é Maria Cristina e vou relatar a história que passei durante o período da ditadura militar. O meu sogro tinha uma pequena fazenda e vimos que ali era um lugar estratégico no qual, inicialmente, a gente contaria com apoio, visto que a Vanguarda Armada Revolucionária iria suprir as nossas necessidades para que gente pudesse fazer o trabalho político.

Certa noite, os militares nos encontraram, prenderam o meu sogro e a minha sogra. Amarraram eles em um tronco algemados, eles gritavam de medo e pediam perdão, dizendo para não os machucarem.

Eu já não aguentava mais aquela injustiça, aqueles rostos assustados pedindo ajuda. Não tinha luz na fazenda, então eles acenderam candeeiros e velas e ameaçavam incendiar a casa com a gente dentro.

Éramos torturados um em frente ao outro. Os militares tinham uma máquina de choque que chamavam de "maricota", batiam na gente com toalhas molhadas, tinham alicate com os quais beliscavam nosso corpo. Eles sentiam prazer em nos torturar, pois enquanto chorávamos, eles riam e quando gritávamos, eles amavam.

Eu vivi um período de absoluta prisão! Não se ouvia vozes, pois quem ousava gritar, era silenciado com a morte.

- **Sarah Cordeiro Guimarães - Por que devo permanecer quieto se o que vivo está incorreto?**



Mais uma vez o dia se inicia, os raios de luz entram pela janela do meu quarto pairando insistentemente sobre meu rosto e meus cabelos. Aos poucos, posso ouvir a cidade acordando lentamente junto a mim. Adultos se preparam para mais um dia de suas amargas e deploráveis rotinas, enquanto as crianças se arrumam para mais um dia em que terão de ir à escola.

Em alguns minutos, já me encontro vestido e pronto para ir caminhando até a minha instituição de ensino, desço as escadas e me encontro perante a porta de entrada da minha residência. Antes que eu possa tocar na maçaneta recebo um pequeno beijo em minha testa vindo de minha genitora e, logo em seguida, a bênção dela.

Após alguns metros de caminhada, percebo olhares raivosos direcionados a mim e, como de costume, militares insistem em me vigiar e me seguir. Descreveria eles com apenas uma palavra, hipócritas, dizem constantemente que o que fazem é para o nosso próprio bem, mas se isso é para benefício do povo, então por que há tantas revoltas? Por que matam e torturam aqueles que deveriam ser protegidos?

Como de costume, o sol se põe dando lugar à lua que vem iluminar aqueles que são dados como desaparecidos. Ao chegar em casa, vejo a minha mãe rezando para que este brilho nunca me alcance, uma vez que já alcançou o meu pai e a minha tia.

Caminho vagarosamente até o meu quarto, tentando não atrapalhar minha genitora em seu momento de devoção a Deus. Coloco minhas roupas de dormir e me deito em minha cama na esperança de conseguir pegar no sono, porém ao invés disso acabo me perdendo em meus próprios questionamentos. Começo a sentir meus olhos pesarem e com o fechar deles, venho a me questionar por que o regime é tão ruim? E por que temos que aceitá-lo calados?

Mais uma vez meu dia se encerra trazendo consigo a paz e harmonia que tanto preciso. Amanhã será outro dia e novamente questionarei o sentido da nossa vida e do regime. Finalmente posso repousar minha cabeça no travesseiro, entretanto tenho de permanecer alerta, pois não sei se verei o sol raiar novamente.

- **Vitor José Fernandes Lopes - Uma crueldade sem fim**



Olá, meu nome é Guilherme. Atualmente estou escondido no sótão da minha escola. As mulheres fizeram uma manifestação e eu decidi procurar minha mãe, porém não a encontrei. Estou com medo de que ela tenha sido capturada pelos militares. Eles ficaram furiosos com a manifestação feita em defesa da cultura.

Não posso sair daqui, pois eles ainda devem rondar a área à procura de mais manifestantes. A ditadura é um tempo de perseguição. Está difícil viver aqui, já que o preço dos alimentos está um completo absurdo! Esses ditadores não se importam com a nossa sobrevivência, são completos ignorantes!

Esse governo consumiu a liberdade do povo brasileiro. Talvez, a partir deste momento, eu nunca mais consiga ver o lindo rosto da minha mãe. Escrevo estas palavras na esperança de que as futuras gerações saibam o quanto sofremos. O meu desejo é que elas sirvam de alerta sobre as atrocidades vividas em tempos de ditadura.

- **Izadora Gregório Pinheiro Brandão - Ditadura militar no Brasil**



Estava difícil respirar. Meu corpo estava mole, minha cabeça girava, mas era o medo. Não sei para onde estão me levando; só sinto o frio do asfalto e o peso das mãos desses homens me arrastando, como se eu não fosse nada. Tudo aconteceu tão rápido: um grito, correria e, de repente, esses soldados me pegaram.

Eu sabia que era arriscado estar ali. Protestar, gritar por liberdade, querer um Brasil mais justo... tudo isso virou crime. Mas como ficar calada? Como aceitar amigos desaparecendo, pessoas sendo torturadas, mortes? Eu não podia gritar por ajuda. Permaneci em silêncio, deixando que eles me torturassem.

A cada passo dos soldados, eu me perguntava se voltaria para casa. A rua estava cheia de pessoas lutando pela mesma causa que eu: a liberdade. Me amarraram com uma corda, colocaram-me em um caminhão e me levaram até a delegacia. Agora, aprisionada em uma jaula, enfrento um futuro incerto.

- **Ana Vitória Ribeiro Souza Oliveira - A pandemia**



Em 2020, na China, surgiu um vírus chamado COVID. Ele deixou a China doente e se espalhou pelo mundo inteiro e então surgiu a pandemia.

Nessa época, ninguém podia sair de casa, principalmente idosos e crianças, porque eles podiam pegar a doença com mais facilidade. Eu fiquei doente, mas me recuperei.

As crianças não podiam ir para a escola, então ficaram vendo Barbie e Naruto na televisão de casa. Quando saíam tinham que usar máscaras, passar álcool em gel.

Até o jeito de cumprimentar mudou e era muito engraçado não poder pegar as mãos.

Muita coisa mudou, até as compras eram online. Mas o importante é que todo mundo ajudava para todos ficarem bem.

- **Anny Vitória Gomes Oliveira - Um ato de esperança que mudou meu dia**



Em 1951, na Coreia do Sul, em um dia ensolarado, ocorreu um episódio da guerra que aconteceu entre 1950 e 1953, travada entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte. O conflito começou quando as tropas norte-coreanas ultrapassaram a fronteira que separava as Coreias, dando início à invasão da Coreia do Sul.

Enquanto andava pelas ruas, avistei um senhor com deficiência visual que estava com dificuldade para atravessar as ruas devastadas. Sem pensar duas vezes, o ajudei e o conduzi até sua casa.

Voltei para casa muito feliz e orgulhoso de mim mesmo por ter ajudado uma pessoa que foi extremamente gentil comigo. Afinal, é sempre bom estender a mão a quem precisa. Portanto, sejamos educados e acolhedores.

- **Arthur Bortoloti Americano de Freitas - Heróis sem capa**



Há 5 anos, uma pandemia mudou a trajetória de nossas vidas. O que parecia ser apenas um surto no interior da China espalhou-se por todo o mundo. No início, as aulas pararam e, logo depois, o planeta também parou.

Não sabíamos se iríamos aguentar, se sobreviveríamos. A doença, transmitida pelo vírus Sars-CoV-2, mudou nosso comportamento: as pessoas se fecharam, ficamos trancados em nossas casas. Milhares morriam dia e noite, muitos pensaram em desistir, porém nem todos agiram assim.

Ainda havia aqueles que acreditavam no impossível, rezavam pelo fim do tormento, creram no melhor – e o melhor veio até eles. Queriam a união, e a união os transformou. A fé os salvou, a vontade os guiou. E quem lhes deu o milagre?

Deus. O Senhor os ajudou e abençoou os trabalhadores da área da saúde, que desenvolveram remédios e vacinas para o povo. O amor divino intercedeu por eles. Por exemplo, tenho meu pai, o homem que trabalhou e desenvolveu um remédio para nós; a cura estava em suas mãos. Lembro-me de ajudá-lo a manipular os medicamentos.

Graças à fé, ao milagre e à força, estamos vivos. É por causa desses milagres que desejo ser um deles: médico. E afirmo com convicção: a medicina é a porta que Deus criou para nos salvar das doenças.

- **Augusto Silva Peixoto - A união na pandemia**



Há um tempo atrás vivemos uma situação muito difícil, porque as pessoas não podiam conviver, alguns nem comida tinham. As crianças não podiam ir para a escola. Foi a época da pandemia da Covid19.

Apesar do sofrimento, os enfermeiros e médicos davam a vida para salvar os pacientes.

Muitas pessoas ajudaram distribuindo comida. Alguns famosos doaram dinheiro para os hospitais comprarem cilindros de oxigênio. Foi uma época que todo mundo ajudou.

Quando a vacina chegou ficamos muito felizes e muitos até choraram de felicidade.

- **Cassiano Mendonça de Paula - Esperança**



• Fonte: Marco Antonio Cruz – Assessoria de Imprensa FSF

A pandemia foi chata e várias pessoas morreram. Eu nem podia sair de casa para brincar com os meus amigos.

Apesar do sofrimento, existiam pessoas boas, por exemplo, famosos fizeram doações em dinheiro para comprarem oxigênio.

Muitos enfermeiros e médicos dedicaram suas vidas para salvar os pacientes.

Muitas pessoas fizeram almoço solidário, outros doaram cilindros de oxigênio para os hospitais.

Então, foi uma época que nos ensinou a ter esperança.

- **Guilherme Alves Silva - A pandemia ensinou união**

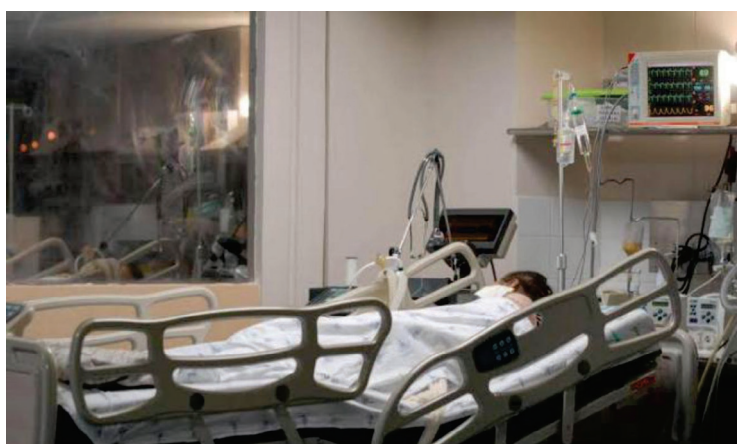


Durante o tempo da pandemia, a humanidade enfrentou muito sofrimento como a perda de entes queridos, incertezas econômicas, medo da doença e a solidão causada pelo isolamento, no entanto, mesmo diante de tantas dificuldades, também surgiu um lado muito humano e solidário.

Pessoas que nunca haviam se falado antes, passaram a se apoiar, vizinhos ajudaram vizinhos, jovens se ofereceram para fazer compras para os mais idosos, campanhas de doação se multiplicaram e profissionais de saúde arriscaram suas vidas todos os dias para salvar outras pessoas.

Infelizmente várias pessoas morreram por causa dessa doença, mas eu tenho fé na humanidade e sei que toda a solidariedade pode vencer qualquer mal.

- **Izadora Gregório Pinheiro Brandão - A pandemia**



A pandemia começou em 2019 e teve origem na cidade de Wuhan, na China. Foi uma época muito difícil para todos nós, pois éramos obrigatórios a usar máscara todos os dias para sair de casa.

Quando as pessoas contraíam COVID-19, muitas precisavam ser internadas; algumas faleciam, enquanto outras se recuperavam. Eu mesmo já tive COVID, e posso afirmar: é horrível! Foram três anos de tristeza.

Mantive muita fé na humanidade e em Deus, pois sempre vi pessoas ajudando umas às outras. Muitos doavam cestas básicas para quem não podia trabalhar; outros compravam cilindros de oxigênio para salvar vidas que dependiam deles.

Vi inúmeros pacientes deitados em camas de hospitais, sem oxigênio, lutando para respirar. Vi muitos a caminho da morte, sem poder voltar para casa.

Portanto, afirmo que todos nós devemos cuidar da nossa saúde, para que não precisemos sofrer tanto novamente.

- **João Carlos Leal de Castro - A pandemia**



A pandemia foi um período muito difícil para nós. Várias pessoas faleceram por causa do vírus contaminante que nos causou muito sofrimento.

Nessa época, as pessoas passaram a ajudar mais umas às outras. Médicos e enfermeiros arriscaram a vida para nos salvar. Cantores fizeram lives para alegrar quem estava isolado. Padarias e lanchonetes doaram pães para quem não podia comprar. Pessoas famosas como Zé Felipe e Gustavo Lima doaram dinheiro para comprarem cilindros de oxigênio.

Mas quando nós menos esperamos já estávamos viajando e nos divertindo, porque a vacina nos ajudou muito. Isso mostra que não podemos perder a fé nas pessoas.

- **Lucas Rodrigues Barreto de Souza - Época Triste**



A pandemia foi uma época muito triste, porém teve um ponto positivo, as pessoas ficaram mais bondosas e passaram a ajudar mais. Muitos distribuíram alimentos para ajudar quem não tinha.

Os enfermeiros e os médicos arriscaram a vida para tentar salvar milhares de pessoas. Alguns até ficaram com o rosto machucado por conta da máscara de proteção.

Então, apesar de tudo aprendemos a ter fé na humanidade.

- **Luís Otávio Souza Lima do Couto - Fé na humanidade**

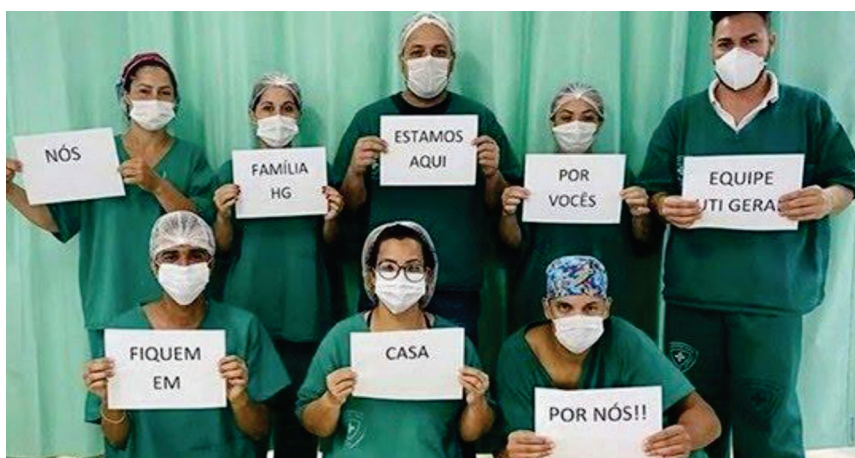


Em meio às dificuldades do mundo moderno como guerras, desigualdades e tolerância muitas vezes somos levados a acreditar que a humanidade perdeu o seu rumo. No entanto, basta observar pequenos gestos para perceber que ainda há esperança.

Manter a fé na humanidade é acreditar no potencial de transformação das pessoas. É entender que, apesar dos erros, os seres humanos são capazes de ter empatia, amor e perdão, assim como ocorreu no período da pandemia da Covid19, percebendo o quanto as pessoas podem agir com união, nossa fé se renova.

A fé não se baseia em ilusões, mas em escolhas conscientes de enxergar o bem que existe por menor que seja. A fé na humanidade é, acima de tudo, um compromisso com o otimismo e com a nossa capacidade de agir para a transformação.

- **Manuela Duarte Guimarães - A pandemia**



O ano era 2020. Eu fiquei doente e precisei ser internada devido à Covid. Foi um momento horrível. Na época, ficamos presos em nossas casas por meses. Ninguém gostava muito disso, pois ficávamos entediados, mas, ao mesmo tempo, sentíamos felicidade por saber que havia possibilidade de cura por meio da vacina.

A cidade tinha um aspecto triste, sem cor e sem diversão. Eu odiava minha vida naquela época, sentia raiva de tudo.

As pessoas começaram a usar máscara, e isso já ajudava bastante.

A pandemia trouxe um ponto positivo: apesar da dor, as pessoas começaram a se cuidar mais; houve solidariedade e mais união.

- **Maria Eduarda Barreto Pontes - A união na pandemia**



A pandemia trouxe coisas boas e ruins. A parte ruim foi ficar sem ir para a escola, ao mercado, ao posto de saúde e às lojas.

Mas o bom foi que as pessoas tiveram mais cuidado umas com as outras. Os médicos e enfermeiros arriscaram suas vidas para salvar os outros. Além disso, muitos doaram alimentos e até cilindros de oxigênio para que todos nós pudéssemos ter fé de que tudo terminaria bem.

- **Vitor José Fernandes - Lopes relato de superação**



Hoje recebi alta do Hospital Municipal de São Paulo. Depois de 5 meses de internação, finalmente pude sair. A COVID-19 infectou muitas pessoas da minha família; eu fui o último a receber alta. Enquanto eles saíram após, em média, 3 meses, eu precisei de 7 meses para me recuperar. Nesse período, sofri bastante com a estrutura e a qualidade do hospital, que era antiga e parecia não passar por reformas havia muito tempo.

Ainda assim, tenho muito a agradecer às pessoas que doaram dinheiro e alimentos, organizaram campanhas e vaquinhas para nos ajudar. Também agradeço ao governo, pela produção das vacinas – que, embora tenham gerado discussões sobre sua eficácia, foram fundamentais – e pelo apoio à minha internação e à de minha família.

A todos que nos ajudaram, que Deus abençoe. Saibam que vocês provaram que ainda podemos ter esperança na humanidade.

LEITURA LITERÁRIA, IMAGENS DE DOMÍNIO PÚBLICO E NARRATIVAS ESCRITAS

Deise Nanci de Castro Mesquita⁴

Os objetivos e as propostas do Projeto de Extensão “Churinga, Memória e Produção Textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem o coração de culturas” estão amplamente apresentados e discutidos no volume XIV da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos!⁵. Nele, também se encontram expostos variados textos de alunos da educação básica, em linguagens audiovisual e escrita, produzidos a partir de imagens retiradas de baús familiares, cujas histórias foram referendadas em criteriosas e fidedignas investigações.

Desta vez, neste volume XVII, reunimos algumas das produções textuais escritas durante o desenvolvimento da última etapa do Projeto, cujas imagens representam fatos históricos de relevância mundial que se eternizaram em fotografias, pinturas, desenhos, entre outros, de domínio público.

Em minhas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, o trabalho de escrita autoral dos alunos sobre temas factuais de nossa sociedade foi inspirado na leitura de obras literárias consagradas, que problematizam principalmente questões sociais, culturais, políticas e econômicas universais, em suas intrínsecas relações com singulares fatos contemporâneos.

Um dos livros escolhidos foi o romance de José Mauro de Vasconcelos, *O Meu Pé de Laranja Lima*⁶, por retratar a vida do próprio autor, durante sua dura infância de menino pobre pertencente a uma numerosa família carioca. Sua narrativa é recheada de informações relevantes sobre a relação das crianças com os pais, os irmãos, os amigos, os vizinhos e os professores; o processo de alfabetização, o papel da escola e a forma de educar; os brinquedos e as brincadeiras; a rua e os veículos; entre muitas outras curiosidades sobre a realidade brasileira nas décadas de 50-60.

Depois da leitura e análise da obra, os estudantes fizeram pesquisas sobre aqueles aspectos históricos descritos pelo protagonista Zezé que mais lhes haviam chamado a atenção e/ou surpreendido, com a finalidade de coletar dados que contribuíssem para a criação de suas próprias narrativas. Definidos os personagens, o enredo, o tempo e o espaço que comporiam seus textos ficcionais, trataram de buscar fotografias da época que pudessem representar suas criativas imaginações. Para alguns, o processo foi inverso: primeiro encontraram uma foto que julgaram interessante, para depois pensarem em um roteiro inventado que pudesse ir ao encontro do fato capturado na imagem. Parte do resultado está exemplificado nas produções de cinco alunos, que seguem.

⁴ Docente titular de Educação Básica no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG). Doutora em Letras e Linguística (UFG). E-mail: mesquitadeise@ufg.br

⁵ Para uma leitura detalhada da proposta, buscar a Apresentação do Vol. XIV, p. 13-36, disponível em: <https://forumescolaparatodos.com.br/E-BOOKS/>

⁶ José Mauro de Vasconcelos. *O Meu Pé de Laranja Lima*. 1. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1968.

PRODUÇÕES TEXTUAIS: CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

Estudantes da Profa. Deise Nanci de Castro Mesquita

Os textos aqui apresentados foram mantidos em sua originalidade, respeitando o processo de escrita dos estudantes. Muitas fotografias inicialmente selecionadas pelos autores foram trocadas por imagens de domínio público.

- **Davi Lucca Alves Leite - Minha bicicleta paga dívida da família**



Olá, eu vivo nesta casa humilde com a minha família, estamos passando muita dificuldade em casa, a minha mãe é uma empregada de uma família rica, nós vemos ela a cada duas semanas por causa de seu trabalho, já meu pai trabalha só mesmo fazendo botas para vender na cidade, e eu tenho um irmão caçula chamado Pedro, nós dois ajudamos o nosso pai, e tem o meu tio que mora junto com a gente e também ajuda o meu pai a fazer botas. O trabalho dos meus pais dava para comprar muitas poucas coisas para nos alimentar, e o meu pai está cheio de dívidas com o governo, por causa disso o governo está ameaçando tomar a nossa casa, isto está deixando nossos pais com muito medo pensando que nós vamos viver na rua, por causa disso o resto do dinheiro que sobra fica para pagar as dívidas.

Até que um dia chegou uma carta do governo avisando que faltam 4 dias para pagar todas as dívidas, se não o governo irá nos despejar de nossa casa. Quando o meu pai terminou de ler a carta, avisou para todo mundo que estava em casa, que tinha que vender a minha bicicleta para juntar o dinheiro.

Então ele conseguiu pagar todas as dívidas, nós ficamos tão felizes que fizemos uma pequena festa em casa. Foi uma festa humilde, mas pra mim foi uma das festas mais legais da minha vida.

- **Laura Gomes Hellmann - O rei da rua de terra**



Meu nome é Toinho e tenho 8 anos.

Acordo bem cedo porque o sol entra direto pela fresta da janela do nosso quartinho. A casa é pequena, mas cheia de gente e de barulho. Depois do café com pão duro, eu saio correndo para rua de terra onde meus amigos já estão me esperando.

A gente não tem brinquedo de loja. Nosso pião é feito de madeira e corda velha. A bolinha de gude a gente ganha trocando figurinha ou juntando moedinha a semana inteira. Mas a alegria é grande.

Hoje eu ganhei no jogo da bolinha. Joguei com tanta força que minha gude entrou direto no buraco e derrubei a do Zé no caminho. Ele ficou bravo, mas depois a gente se abraçou. No fim do dia voltamos todos sujos, com o pé encardido de poeira e o coração feliz.

Às vezes fico pensando que a vida podia ser só isso: sol no rosto, descalço e a rua inteira para brincar. Não tem celular, não tem Internet. Mas tem riso, tem amigo e tem até o pé de laranja que dá sombra e fruta boa.

Hoje, sou um menino da década de 50. Amanhã, talvez eu seja o Rei da rua.

- **Lígia Chaves Silva Lobo – Amarelinha**



Oi, meu nome é Gabriel e hoje eu quero contar do dia dessa foto.

Nesse dia, eu e os meus amigos Pedro, Fernando, José e Ravi fizemos uma amarelinha na rua da nossa casa. Eu brinquei muito, me diverti e fiquei horas brincando. Até que, num dado momento, caí e me machuquei (ralei o joelho). Estava ardendo muito, então, rapidamente fui para casa com os meus amigos chamar a minha mãe, mas, quando cheguei, lembrei que a mamãe estava trabalhando de doméstica numa casa longe da minha e o meu pai já era mais uma das lindas estrelinhas no céu que iluminava todas as minhas noites desde que ele se foi.

Então, fui com os meus amigos procurar curativo e merthiolate. Com muito esforço, achamos, e foi um custo para eu querer colocar o remédio, pois o merthiolate ardia muito. Mas logo passou e eu voltei a brincar de amarelinha com os meus amigos. Infelizmente, não consegui brincar tão bem como antes, mas, só por estar ali, eu fiquei muito feliz!

- **Maria Fernanda Soares Nogueira - Quando não se ouve, não se vê**



Eu e meu irmão vínhamos de uma família muito pobre. Mas meu pai não sabia se controlar na bebida... meus pais... bom, eles viviam brigando. Às vezes eles iam tão longe a ponto de quebrar coisas. Meu irmão queria ajudar, mas ele sabia que se me deixasse eu podia acabar me machucando... a gente imaginava coisas horríveis, mas uma vez a gente começou a tocar e cantar e vimos o quanto aquilo era bom. E toda vez, desde então, que eles começavam a brigar, a gente começava a tocar.

Só que uma vez, nós pensamos: se isso resolve um dos nossos problemas, por que não resolveria o deles? Então fizemos, com a ajuda da nossa mãe, um jantar simples, mas de coração, e com a ajuda do nosso pai, arrumamos a mesa de uma forma simples, mas aconchegante. Passamos a noite inteira acordados, tocando e cantando para eles. Ignoramos totalmente o fato dos nossos vizinhos estarem reclamando. Guardaremos boas memórias. Sinto que eles ficaram mais juntos do que tudo!

- **Pedro Melo de Carvalho - Criança nasce burra?**



Quando eu tinha cinco anos eu já estava louco para “largar de ser burro”.

Meu pai me disse que eu só ia começar a pensar quando eu fosse para a escola, e eu, um menino aperreado do Ceará, fiquei lá esperando... esperando... até que eu completei meus seis anos. Agora tinha que esperar só mais uma semana.

Então chegou o dia. Estava lá todo arrumado, e eu mal cheguei na escola a professora foi me dando tarefa e mais tarefa, até que ela me fez uma pergunta e eu respondi: “vinte e sete”. Eu só vi a professora puxando a régua do bolso e me dando uma bela reguada.

E foi assim o meu primeiro dia escola. Foi feliz, animado, mas voltei com a mão enfaixada.

COMO NASCE UMA GUERRA?

Kamilla Rodrigues de Mendonça⁷

Os textos foram produzidos no contexto do Projeto Churinga, a partir da provocação: Como nasce uma guerra? A atividade começou com quatro imagens sem legenda: a nuvem da explosão da bomba atômica em Hiroshima e a fachada de uma igreja que permaneceu parcialmente de pé entre os escombros. O silêncio inicial deu lugar à observação atenta, às perguntas, às hipóteses e às relações com conhecimentos prévios sobre a Segunda Guerra Mundial.

As crianças, todas do 4º ano do Ensino Fundamental, trouxeram referências de filmes, de documentos e até relatos familiares, como o de uma aluna que contou que sua avó havia migrado do Japão para o Brasil durante a guerra. A partir desse momento de escuta e diálogo, propus que escrevessem livremente em resposta à pergunta disparadora.

Não defini previamente o gênero textual. A proposta era que cada criança encontrasse a forma mais própria de se expressar diante do tema. Essa proposta se articulava ao trabalho que já vínhamos desenvolvendo na turma, voltado à reflexão sobre as microviolências do cotidiano (disputas, exclusões, silenciamentos, gestos competitivos). A intenção inicial era provocar que as crianças conectassem a pergunta às situações que vivenciam em suas relações diárias. No entanto, o impacto das imagens deslocou esse movimento: em vez de escreverem sobre conflitos imediatos, centraram suas narrativas no acontecimento histórico, elaborando diferentes formas de dizer a violência da guerra.

O processo de produção textual revelou camadas distintas de elaboração. Alguns alunos, como Francisco e Theo, optaram pela carta, criando vozes ficcionais de sobreviventes que relatam em primeira pessoa os efeitos imediatos da bomba atômica. Suas escritas misturam emoção, dor e apelo urgente, traduzindo em linguagem infantil a brutalidade de uma experiência extrema.

Outros, como Ivan e Bernardo, buscaram uma reconstrução mais informativa, trazendo nomes de aviões, datas e estatísticas. É o esforço de dar sentido racional ao acontecimento, de explicar por que e como ele ocorreu. Já Catarina, Isadora e Lia se aproximaram de uma escrita mais reflexiva, destacando a tragédia, a sobrevivência da capela em Hiroshima e a necessidade de repensar o comportamento humano diante da violência. Vicente, por sua vez, ampliou a discussão, relacionando a ganância e a cegueira do poder ao sofrimento não apenas humano, mas também animal, ao lembrar os testes nucleares nos oceanos.

O conjunto de produções mostrou que, diante de acontecimentos de violência extrema, não basta estudar os fatos em si. As crianças, ao concentrarem suas narrativas nas imagens de Hiroshima, apontaram para a necessidade de uma educação que vá além da dimensão informativa. O risco de limitar-se ao dado histórico é o de banalizar a violência ou tratá-la como um evento distante, quando, na verdade, ela deve ser lembrada como intolerável.

⁷ Docente de Educação Básica da Escola Aldeia. Graduada em Pedagogia. E-mail: kamilla.rm@gmail.com

Essa experiência evidencia a urgência de uma formação ética e estética, capaz de sensibilizar e humanizar. Ética, porque coloca a vida no centro, recusando a naturalização da destruição. Estética, porque permite elaborar o sofrimento em formas de linguagem, cartas, narrativas e reflexões que podem despertar empatia e crítica.

PRODUÇÕES TEXTUAIS: ESCOLA ALDEIA

Estudantes da Profa. Kamilla Rodrigues de Mendonça

Os textos aqui apresentados foram mantidos em sua originalidade, respeitando o processo de escrita dos estudantes. Muitas fotografias inicialmente selecionadas pelos autores foram trocadas por imagens de domínio público.



- **Bernardo Reis - Hiroshima e Nagasaki**

Os Estados Unidos, estavam em conflito com o império do Japão, então, os Estados Unidos queriam uma coisa diferente de um ataque aéreo, porque o Japão atacou um base norte-americana no Havai, então eles elaboram um plano, então o professor Robert Openheimner foi chamado.

O presidente do E.U.A foi apresentado ao projeto, então, quando foi terminado o projeto “TRINITF”, Robert escolheu o deserto do Novo México, a Bomba foi lançada, o projeto deu bom.

Então, a Bomba Small Boy atingiu Hiroshima, no dia 06 de agosto de 1945, e era 1 de 3, porém, a menor de todas nunca foi lançada.

Em 45, outra bomba foi construída, era para ser lançada em outra cidade, por causa dos fortes ventos, a cidade final foi Nagasaki, a bomba “fat boy” foi lançada, pessoas em raio de 800km de distância vomitavam os intestinos.

No final, é mostrado o tanto que o ser Humano é maligno, ganancioso e de um mal pensamento, e isso tem que se acabar. Depois eles proibiram o uso de armas nucleares em guerra, é uma forma de que boas ações trazem boas consequências.

- **Catarina Siqueira - Guerra nuclear**

No dia 6 de agosto de 1945 aconteceu uma tragédia. Uma guerra nuclear! A maior tragédia mundial. Estados Unidos mandaram a bomba para o Japão. Com ajuda de vários países, inclusive nos, do Brasil. No período da 2ª Guerra Mundial... Onde havia vários países brigando e bombas voando pelo mundo. Na Hiroshima uma capela sobreviveu no meio do nada. Essa guerra nos deu uma perceber o tanto que estávamos com raiva e a raiva transformou em morte.

- **Francisco Souza Zanelati - Carta pessoal**

Hiroshima, 06 de agosto de 1946

Olha Himakura, uma BOMBA caiu a 80 km da minha casa, e minha pele tá explodindo inteira! O que aqui, os relógios estão passando, ponteiros de um FÓRMULA 1! Minha mãe já tá morreu e acho que eu vou morrer.

Por favor, leve meu pai ao hospital na China!!!

Seu amiguinho a 7 palmos do chão,

Hikari

Para: Hinakuro, China

De: Hikari, Japão

- **Ivan Gagliardi - Hiroshima e Nagasaki**

O primeiro alvo escolhido foi Hiroshima, por vários motivos, principalmente por ser um importante centro militar. O avião que lançou a bomba “Little Boy” se chamava Enola Gay, um bombardeiro B-29. A bomba foi lançada no dia 6 de agosto de 1945, às 8h15 da manhã. A bomba causou uma destruição material quase completa da cidade e 80 mil vítimas imediatas.

Três dias depois os Estados Unidos lançaram a “Fat Man” em 9 de agosto de 1945 às 11h02, em Nagasaki porque o alvo principal, Kokura, amanheceu coberta por neblina e fumaça. O bombardeio “Bockscar” também era um B-29. Cerca de 40% da cidade ficou em ruínas e calcula-se que entre 28mil e 49mil pessoas morreram no dia da explosão.

Após as duas bombas o Japão se rendeu. Não há um número exato de vítimas ao fim de 1945. Mas, alguns estudos estimam um total de 110 mil vítimas até o final daquele ano. Outros estudos estimam que esse número pode ultrapassar 210 mil vítimas.

- **Theo Faria – Mensagem**

Japão, Hiroshima, 06/08/45

Salve minha família

Aqui em minha cidade a 30 km de distância de mim uma bomba dos USA acabou de explodir, a radiação acabou de chegar em mim. Meu braço está borbulhando fuja com meu filho, para outro pais para salvar as outras gerações. Adeus

Ass: Kimam Makoari



- **Isadora Uchida- Guerra**

No ano de 1945, uma guerra envolvia muitos países, uma bomba lançada pelos ESTADOS UNIDOS em Hiroshima e Nagasaki destruiu tudo,, tudo foi levado. Infelizmente, foi uma tragédia para o Japão, mas milagrosamente uma única capela sobreviveu, a capela ficava em HIROSHIMA.

As bombas são uma criação que acaba prejudicando a humanidade, ela é uma criação usada em guerras.

- **Lia Frauzino - Guerra**

No dia 6 de agosto de 1945 aconteceu uma guerra. Começou dia 7 de dezembro de 1941. Em 6 de agosto de 45, os EUA mandaram uma bomba nuclear pro Japão que caiu em Hiroshima e Nagasaki. E o mais incrível é que uma pequena capela sobreviveu! E ela ainda tá viva! Não faço ideia de como nem o quê causou a guerra mas este comportamento é exagerado demais por que causou essa guerra. A capela era de Hiroshima. Esse comportamento é ruim, e nós devíamos parar de causar guerras.

- **Vicente Garcia - A bomba a guerra e a história**

6 de agosto de 1945, o avião Douglas B-17, Hiroshima e Nagasaki sofreu um ataque de bombas. Durante a 2ª Guerra, por terras e poder. Os Estados Unidos lançaram 2 bombas no Japão. A menos de 800km pessoas vomitaram seus órgãos. Começou a chover radiação, a pele derretia.

Isso mostra como a raiva cega o homem. Como o desejo por dinheiro, poder e terra cega. Quando a ganância é o que importa. Adolf Hitler, maior ditador do mundo, matou judeus, negros e quem era da sua raça. Foi o maior ditador da história.

O que achamos que está longe de nós, na verdade tudo está ligado a história do mundo e de todos os países. Infelizmente o mundo todo tem muita violência. Os animais sofreram também quando as bombas foram jogadas de teste no oceano vários animais morreram e ficaram com radiação.

O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E A ESCUTA DOS EDUCANDOS

Mariana Cirqueira Ricardo da Silva⁸

1. INTRODUÇÃO

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Lei nº 13.146/2015, representa um marco legal que reafirma a educação inclusiva como direito fundamental, garantindo “a igualdade de oportunidades com os demais estudantes” (Brasil, 2015). Para além da garantia legal, a inclusão demanda uma transformação profunda na práxis pedagógica, exigindo que a escola e seus profissionais repensem suas concepções, metodologias e abordagens.

É nesse contexto que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) se consolida como um pilar essencial ao processo de inclusão. Ofertado de forma complementar ou suplementar ao ensino regular, como serviço da educação especial, transversal a todos os níveis e etapas de ensino, atende educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação. Oferece um espaço de vivências e experiências que valorizam as potencialidades de cada educando, suas habilidades já adquiridas e em desenvolvimento, trabalhando para ajudá-lo a superar suas dificuldades e as barreiras que possam limitar sua participação na escola e na sociedade. Trabalha aspectos socioafetivos, cognitivos e psicomotores de seu desenvolvimento, auxiliando-o a experimentar o protagonismo e o desenvolvimento de sua autonomia, de modo a, aos poucos, sair da invisibilidade, a que muitas vezes é submetido.

Assim sendo, nesse espaço podem se (re)conhecer como protagonistas e então espelhar tal protagonismo no cotidiano da sala de aula, (re)conhecendo habilidades e potencialidades, muitas vezes ocultas, desenvolvendo confiança em si e no processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, o AEE contribui com o trabalho desenvolvido pelos professores e professoras do ensino comum, oferecendo-lhes parceria e suporte para desenvolverem seu trabalho, além de convidá-los a (re)pensarem suas práticas educativas, impactando e movimentando o cotidiano da escola em uma perspectiva inclusiva, considerando que a inclusão escolar não se resume ao direito de matrícula do estudante em sala de aula, mas diz respeito também ao seu direito à aprendizagem, entendendo que:

São as escolas que têm de mudar e não os alunos, para que estes tenham assegurado o direito de aprender, de estudar nelas! O direito à educação é indisponível e natural, por ser um direito natural, não admitindo barganhas. Não há o que negociar quando nos propomos a lutar por uma escola para todos, sem discriminações, sem ensino à parte, diferenciado para os mais ou menos privilegiados (Mantoan, 2015, p. 15-16).

⁸ Docente de Educação Básica na Rede Municipal de Ensino de Goiânia. Mestre em Ensino na Educação Básica (Cepae/UFG). E-mail: mariana.srm.villageatalaia@gmail.com

Nessa perspectiva, evidencia-se neste texto o apreço de uma professora da educação básica por desenvolver projetos diversificados dentro do AEE, partindo das curiosidades e conhecimentos prévios dos educandos, advertida de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, estando sempre entrelaçadas (Freire, 2011). Desse modo, apresentam-se algumas experiências vivenciadas em 2024, durante o desenvolvimento do projeto Churinga.

2. MANIFESTAÇÕES DA LEITURA DE MUNDO NO AEE

Durante os atendimentos de 2024, foram desenvolvidos alguns projetos, dentre eles, o projeto *Identities*, estruturado, como os demais, para trabalhar sobretudo a interação dialógica dos educandos e aspectos cognitivos, psicomotores e socioafetivos de seu desenvolvimento. Nascido da necessidade da professora em aprofundar a escuta do mundo dos educandos, e ouvir desses sujeitos um pouco sobre suas preferências, o que gostam de fazer e de experienciar, sempre respeitando suas especificidades e a maneira singular com que cada um interage com o mundo e com os sujeitos que dele fazem parte.

De modo geral, antes do contato direto com cada educando, inicia-se um processo investigativo, estruturado em um estudo de caso guiado por conversas realizadas com as famílias, com as professoras, professores e demais profissionais que interagem com o educando no ambiente escolar, além do estudo de relatórios de aprendizagem e relatórios médicos, terapêuticos ou psicológicos desenvolvidos por profissionais da saúde, quando for o caso.

Durante essas conversas iniciais, sobretudo com a família, professores e professoras, investigam-se aspectos gerais e específicos de seu desenvolvimento e do processo de ensino e aprendizagem, além de tentar conhecer o que os educandos gostam, o que preferem fazer e como se comportam, em casa, na escola e demais ambientes.

Finalizado esse estudo de caso, inicia-se o Plano Individualizado do Atendimento Educacional Especializado, construído no início dos atendimentos, de caráter flexível, acompanhando o desenvolvimento e as necessidades específicas de cada educando no decorrer do semestre. Posteriormente, norteado pelos objetivos elencados no plano de atendimento semestral, inicia-se o planejamento das primeiras interações com os educandos, buscando sobretudo conhecê-los e desenvolver um vínculo afetivo com cada um deles.

Para tanto, compreende-se como crucial ter uma escuta ativa acerca dos interesses desses sujeitos, suas habilidades, potencialidades e dificuldades, necessitando de intervenções avaliativas capazes de já identificar nos primeiros atendimentos alguns de seus conhecimentos prévios, de modo a conseguir ser mais assertiva na elaboração do plano de atendimento educacional especializado e, consequentemente, estruturar melhor os planejamentos semanais trabalhando as especificidades de cada educando.

Todavia, sentiu-se a necessidade de estruturar um projeto específico, que pudesse possibilitar uma escuta mais atenta acerca de algumas especificidades de cada educando, dando-lhes a possibilidade de cada um, à sua maneira, falar de si, de suas preferências e contar um pouco sobre acontecimentos relevantes de sua vida, suas memórias, introduzindo-se assim o projeto Churinga.

Durante seu desenvolvimento, solicitou-se inicialmente que os educandos fizessem, junto com os responsáveis, uma curadoria de fotografias familiares que retratassem acontecimentos e momentos importantes para eles, como viagens, passeios ou momentos em família. A fotografia, nesse contexto, pro-

vocados pelas ideias de Bakhtin (1997), é compreendida também como um texto, carregado de sentido e significado, como um enunciado a ser interpretado.

Diante disso, e munidos com tais fotografias, mostraram-se empolgados durante os atendimentos, para socializar suas leituras e interpretações dos contextos vividos, (re)contando suas experiências, cada um à sua maneira. Alguns necessitavam de intervenções diretas da professora para ajudá-los a relatar o momento, precisando compreender melhor as possibilidades de se (re)contar fatos, outros com entusiasmo e autonomia singular ao narrar os momentos registrados com riquezas de detalhes, e alguns atentos a minuciosidades, como a descrição literal do cenário, ou uma atenção especial à cor específica de uma fechadura.

Nesse momento inicial, abriu-se espaço para contarem livremente sobre as fotografias trazidas de casa, para só então realizar o convite para registrar tais histórias em vídeo (algo não aceito por todos), o que necessitou de uma nova curadoria, solicitando que escolhessem duas fotografias cada, de modo a viabilizar este novo registro. De posse das fotografias escolhidas, se organizaram para que pudessem ter a experiência de filmar os colegas durante os momentos narrativos, mantendo-se, a grande maioria dos educandos, atentos às narrativas dos companheiros.

Finalizada essa etapa, alguns demonstraram interesse em assistir com entusiasmo aos vídeos produzidos, e posteriormente, em um trabalho coletivo, realizaram registros escritos dos acontecimentos narrados, sem a interferência direta da professora em seus estilos de escrita. Ela apenas os incentivava para que efetuassem uma escrita espontânea, a partir de seus conhecimentos de uso da língua, de modo colaborativo, trocando informações e conhecimentos com seus colegas⁹.

Ao longo dessa etapa, discutiu-se muito sobre a importância das fotografias para registrar os bons momentos experienciados pelos educandos, estendendo a relevância desses registros para acontecimentos de domínio público. Iniciaram-se então algumas pesquisas de fotografias que documentassem acontecimentos históricos de nossa cidade e de nosso estado, levando-nos aos registros fotográficos do acidente radioativo com Césio-137, desencadeando em muitos, principalmente nos que compreenderam a proximidade do acidente, o desejo por aprofundar suas pesquisas. Passou-se, assim, à apreciação de algumas reportagens televisionadas na época e leituras de textos escritos realizadas pelos educandos e/ou pela professora.

Colhidas todas essas informações, surgiu a proposta de realizarem registros audiovisuais e escritos apresentando suas impressões sobre a temática pesquisada, seguindo a mesma dinâmica da proposta anterior, incentivados a imprimir em seus textos uma escrita espontânea. Posteriormente a essas experiências iniciais de diálogos, investigações e produções audiovisuais e escritas, surgiu de dois educandos a ideia de pesquisar sobre a chegada do ser humano à lua e a exploração do espaço, direcionados pelo desejo deles e curiosidade dos demais em conhecer um pouco mais sobre a temática.

Nessa etapa, iniciamos ouvindo de cada educando os conhecimentos prévios sobre o assunto, para posteriormente adentrarmos nas pesquisas de fotografias e vídeos de domínio público que documentassem tal acontecimento. Mostrou-se evidente o entusiasmo de alguns pela temática e pelo desenvolvimento dos diálogos sobre o assunto, realizando, cada um à sua maneira, os registros de seus conhecimentos prévios e adquiridos, durante os diálogos e pesquisas, concretizados em produções audiovisuais e escritas.

⁹ Podem ser apreciados no volume XIV do e-book Escola de Educação Básica para Todos!

3. DESAFIOS E REFLEXÕES

O principal desafio enfrentado no decorrer do projeto foi a reorganização dos momentos de atendimentos de maneira a formar pequenos grupos, no matutino e no vespertino, sobretudo com os educandos com autorização dos responsáveis quanto ao uso de imagem durante o desenvolvimento do projeto, visto que devem sempre acontecer no contraturno do ensino regular. Em alguns casos, houve a necessidade de conciliar as reduzidas possibilidades de horários com terapias e atividades extracurriculares de alguns educandos.

Felizmente, foi possível contar com o apoio e incentivo das famílias, que também se reorganizaram até a conclusão do projeto. Essa etapa de articulação e reorganização foi crucial e nos lembra o quanto é importante realizar parcerias não só com as professoras e professores do ensino comum, mas também com as famílias. Ainda, que a prática pedagógica desenvolvida no AEE precisa ser flexível e adaptável não só aos aspectos relacionados às especificidades de cada educando e ao processo de ensino e aprendizagem, mas também aos seus interesses e à realidade das crianças, adolescentes e suas famílias.

Assim, superado esse obstáculo inicial, foi possível dar continuidade ao trabalho de maneira fluida e produtiva, valorizando os saberes e interesses dos educandos, considerando-os sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, sem a pretensão de tudo saber (Freire, 2017b), permitindo a construção de um ambiente onde a investigação genuína pôde impulsionar a aprendizagem.

Cabe salientar que, a partir das fotografias e das histórias pessoais, os educandos não apenas tiveram espaço para falar de si e explorar suas próprias percepções do mundo, mas também se conectaram a discussões acerca de eventos históricos e científicos de grande complexidade. Nesse sentido, mostraram-se abertos à aprendizagem, à manifestação de suas habilidades e potencialidades, permitindo também trabalhar suas dificuldades, explorando possibilidades diferentes de interação com o mundo e com o outro. Assim, nos evidenciaram a importância de práticas pedagógicas que olhem para eles como sujeitos, superando um olhar capacitista que enxerga apenas as limitações – muitas vezes impostas por um diagnóstico, que jamais deve, por si só, determinar os caminhos ou os limites educacionais. Ao contrário, é no respeito às singularidades e na valorização das potencialidades que se constroem práticas verdadeiramente inclusivas, no AEE ou no ensino comum.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017a.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 27. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

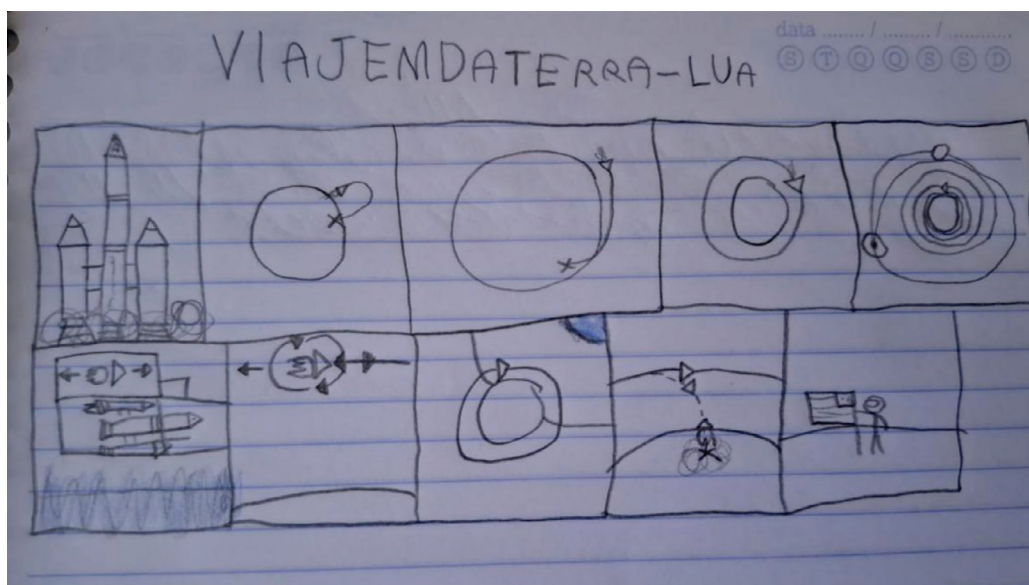
PRODUÇÕES TEXTUAIS: REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GOIÂNIA

Estudantes da Profa. Mariana Cirqueira Ricardo da Silva

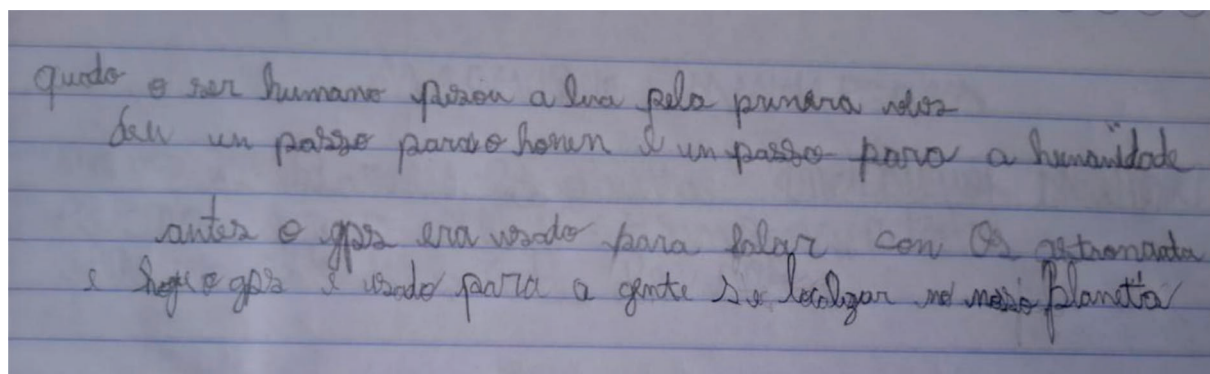
Os textos aqui apresentados foram mantidos em sua originalidade, respeitando o processo de escrita dos estudantes. Muitas fotografias inicialmente selecionadas pelos autores foram trocadas por imagens de domínio público.



- **Éric Gabriel Tavares da Silva - Viagem da Terra à Lua**

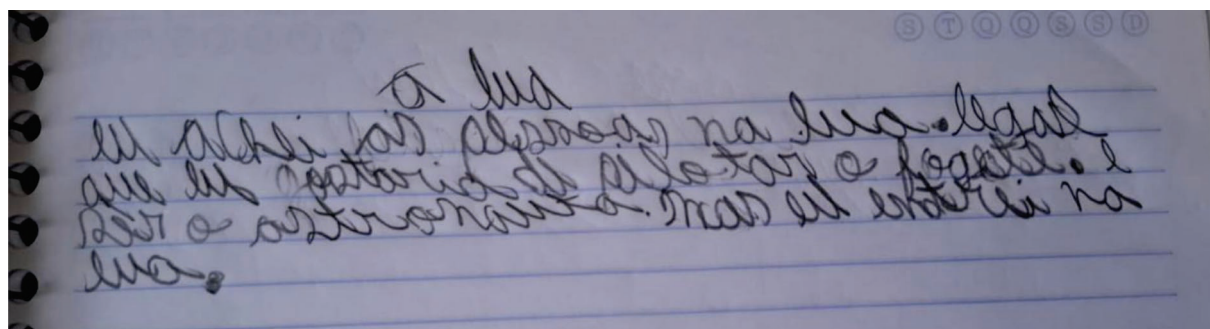


- **João Pedro Santos Milhomem - A Lua**



Quando o ser humano pisou na Lua pela primeira vez foi um passo para o homem e um passo para a humanidade. Antes o GPS era usado para falar com os astronautas e hoje o GPS é usado para a gente se localizar no nosso planeta.

- **Nicolas Alexandre Batista Lopes - A Lua**

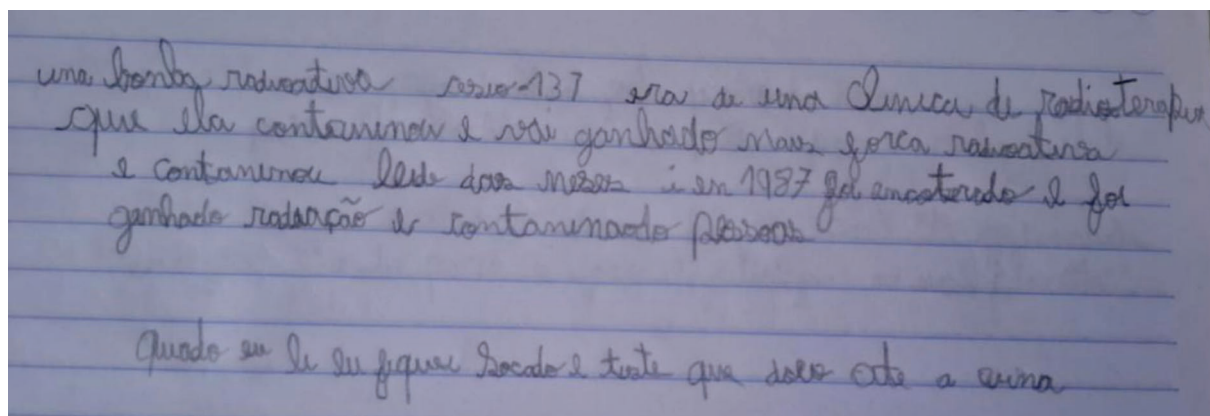


A Lua

Eu achei as pessoas na Lua legal. Eu gostaria de pilotar o foguete e ser o astronauta. Eu iria para a Lua.



- **João Pedro Santos Milhomem - Césio 137**

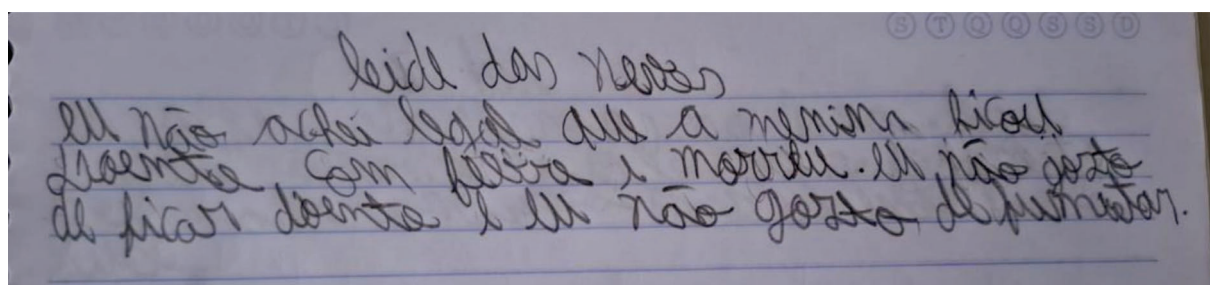


uma bomba radioativa cesio-137 era de uma clinica de radioterapia
que ela contaminou e vai ganhando mais força radioativa
e contaminou Leide das Neves em 1987 foi encontrado e foi
ganhando radiação e contaminando pessoas

Quando eu li eu fiquei chocado e triste que doeu até a alma

O césio-137 era de uma clínica de radioterapia que contaminou muitas pessoas e foi ganhando mais força radioativa e contaminou Leide das Neves em 1987. Foi encontrado e foi ganhando radiação e contaminando pessoas. Quando eu li, eu fiquei chocado e triste que doeu até a alma.

- **Nicolas Alexandre Batista Lopes - Leide das Neves**



Leide das Neves

Eu não achei legal que a menina ficou
doente com febre e morreu. Eu não gosto
de ficar doente e eu não gosto de vomitar.

Leide das Neves

Eu não achei legal que a menina ficou doente, com febre e morreu. Eu não gosto de ficar doente e não gosto de vomitar.

Parte II

POSTAIS DA TERRA: UMA PROPOSTA DE INTERCÂMBIO DIGITAL E INTERCULTURAL

Felipe M. Guerra¹⁰

INTRODUÇÃO

Promovido pela Ao Norte – Associação de Produção e Animação Audiovisual de Viana do Castelo, em Portugal, o Projeto Postais da Terra foi concebido com o objetivo de criar um ambiente de intercâmbio digital entre jovens da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O audiovisual é usado como ferramenta pedagógica e de expressão, para permitir o contato e a troca de experiências entre alunos vivendo em locais distantes, valorizando as diferentes culturas conectadas por um mesmo idioma.

Em um mundo globalizado, em que as questões de identidade cultural e de intercâmbio de experiências são cada vez mais relevantes, iniciativas como os Postais da Terra são importantes por possibilitarem o contato entre jovens separados geograficamente e culturalmente, promovendo a troca de experiências e a criação de laços que ultrapassam tais barreiras por meio da tecnologia. Ao proporcionar um espaço em que os participantes compartilham suas vivências pessoais sobre temas específicos, o projeto também os incentiva a refletir sobre as realidades e os desafios enfrentados em seus respectivos países.

Este artigo irá examinar a aplicação prática dos Postais da Terra no ano letivo 2024-25, abordar os seus objetivos principais e refletir sobre os benefícios que ele oferece aos participantes, além dos desafios que surgiram durante sua implementação.

OBJETIVOS E APLICAÇÃO PRÁTICA

O Projeto Postais da Terra foi criado e implementado pela Ao Norte, uma associação cultural sem fins lucrativos fundada em 1994 na cidade portuguesa de Viana do Castelo. Em seus mais de 30 anos de atividades, a Ao Norte notabilizou-se pelos projetos de produção e divulgação audiovisual nas escolas do distrito – seja levando estudantes a sessões de cinema, seja através de atividades práticas em que os alunos fazem curtas-metragens em sala de aula, como CINEpoesia e Vamos Fazer um Filme?.

Os Postais da Terra também têm uma proposta de educação intercultural mediada pelo formato audiovisual. Neste caso, em vez de câmeras de cinema, adotou-se um meio acessível e democrático para a expressão e intercâmbio de ideias: os vídeos foram gravados pelos próprios alunos através de dispositivos portáteis, como tablets ou smartphones. Tais dispositivos estão amplamente acessíveis hoje, dentro e fora da escola, permitindo a participação de jovens de diferentes contextos socioeconômicos.

Num segundo momento, o material produzido em cada escola foi compartilhado no canal do projeto em uma plataforma online (YouTube), permitindo que os participantes tivessem acesso ao conteúdo

¹⁰ Coordenador-geral do Projeto Postais da Terra, Ao Norte, Portugal. Jornalista e cineasta. Mestre em Comunicação Audiovisual (UAM/SP) e em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas (UP/Portugal). E-mail: felipemguerra@gmail.com

dos outros e pudessem interagir. De acordo com Kristen Bloom e Kelly Marie Johnston (2010, p. 115), é fundamental incorporar plataformas populares como o YouTube na sala de aula para “criar uma comunidade de aprendizagem onde todos têm voz e qualquer um pode contribuir”. Elas também defendem que intercâmbios interculturais realizados por meio de vídeos compartilhados na internet:

(...) são uma opção viável para estudantes que não estão preparados para embarcar em um programa de intercâmbio por diversos motivos (financeiros, emocionais ou outros). Ao participar de um intercâmbio digital, os alunos podem explorar uma nova cultura em seu próprio ritmo e com significativamente menos recursos (Bloom; Johnston, 2010, p. 117).¹¹

Segundo diversos estudiosos do campo da educação intercultural, a mídia audiovisual é uma ferramenta poderosa para fomentar a troca cultural e o entendimento mútuo. No entanto, é importante que os alunos recebam informações sobre o processo de fazer audiovisual para compreender que isso vai muito além de apontar uma câmera e apertar Rec:

Alfabetização audiovisual é o processo de aquisição de repertório, de aprendizagem da leitura crítica de imagens e de sua produção como forma de expressão. (...) Cabendo ao professor não apenas a função de mediar o processo, mas também a de despertar as contradições internas e externas entre o conteúdo audiovisual, os conteúdos das disciplinas aprendidos em sala de aula e a realidade na qual seus alunos estão imersos (Costa; Oliveira; Silva, 2024, p. 22).

Vale destacar que o público-alvo do Projeto Postais da Terra é formado por estudantes entre 12 e 15 anos de países da CPLP. Neste primeiro ano, participaram os seguintes estabelecimentos de ensino: Escola Secundária de Santa Maria Maior (Viana do Castelo, Portugal), Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Brasil), Escola Portuguesa de Luanda (Angola), Liceu Sub-Regional de Bubaque (Guiné-Bissau), e Associação Olho Largo (Cabo Verde). A Escola Portuguesa de Moçambique inscreveu-se, mas não enviou vídeos, e não foram identificados professores parceiros em Timor Leste e São Tomé e Príncipe.

No ambiente digital dos Postais da Terra, o professor assume as funções de mediador e organizador com as turmas participantes, responsável por coordenar a produção do material e depois enviar os vídeos prontos para a equipe da Ao Norte. Os professores participantes lecionavam diferentes disciplinas; alguns usaram o projeto para avaliar a turma, enquanto outros permitiram que a atividade fosse voluntária, sem obrigar os alunos a entregarem os vídeos. Por parte da equipe da Ao Norte, eu fui o indicado como responsável por fazer a mediação com os professores e receber e avaliar os vídeos antes de enviá-los para publicação no canal dos Postais da Terra. Não tive nenhum contato direto com os estudantes além de ver os vídeos que eles produziram.

Para facilitar a implantação, foram sugeridos três temas iniciais e obrigatórios: “Quem sou”, “A minha rua” e “A minha escola”. Tais temas foram escolhidos para viabilizar a introdução dos alunos ao processo de criação audiovisual, usando para isso uma visão básica e acessível de suas realidades cotidianas,

¹¹ Tradução do autor, do original: “By incorporating popular web platforms such as YouTube in the classroom, we can create a learning community where everyone has a voice and anyone can contribute” e “Cross-cultural exchanges carried out through video-pal relationships on YouTube are a viable option for those students who are not prepared to embark upon a study abroad program for various reasons (financial, emotional, or other constraints). By engaging in a digital exchange, students can explore a new culture at their own pace and with significantly fewer resources”.

ou seja, apresentar-se e falar sobre si mesmos, suas cidades e suas escolas, em vez de tratarem de temas mais amplos.

Concluída essa etapa, o projeto listava uma série de temas facultativos: “A minha família”, “Quando não estou na escola...” (atividades que o aluno faz quando não está na escola, como gosta de passar o tempo livre, entre outros), “Vivo em...” (uma apresentação da sua localidade, a ser filmada em pontos de interesse do lugar onde os estudantes residem), “Uma comida típica” (descrição de uma comida típica da cidade, região ou país), “Uma tradição da minha terra”, “Ser feliz é...”, entre outros.

Nesse sentido, ao propor temas e até a forma de capturá-los em vídeo¹², o Projeto Postais da Terra pretende ir além da gravação de vídeos pessoais, sugerindo um diálogo próximo com a linguagem audiovisual. Embora as estatísticas comprovem que a maioria dos jovens nessa faixa etária já gravam, editam e compartilham vídeos sobre si e/ou assuntos de seu interesse, a maioria deles ainda não tem a devida compreensão ou domínio de ferramentas do formato audiovisual. Isso significa que, ou os vídeos são filmados na vertical (para adequarem-se a plataformas como o TikTok), ou as técnicas de montagem utilizadas ainda são muito rudimentares (por exemplo, através de aplicações gratuitas no próprio smartphone).

Escrevendo sobre a importância da alfabetização audiovisual, Maria Carmen Silveira Barbosa (2014, p. 249) afirma que “formar jovens que compreendam os elementos estéticos que compõem a linguagem audiovisual” é tão importante quanto trabalhar a linguagem textual em sala de aula; porém, esclarece, “o acesso às diferentes mídias desde a primeira infância não garante autonomia e autoria e muitas vezes apenas promove, e acentua, o consumo acrítico das tecnologias e seu conteúdo. Pensamos que a formação dos estudantes precisa garantir a compreensão crítica e a dimensão inventiva da linguagem audiovisual”.

Entre outubro de 2024 e junho de 2025, o Projeto Postais da Terra resultou na produção de 148 vídeos de curta duração (entre 20 segundos e dois minutos) englobando quatro temas: os três obrigatórios (“Quem sou”, “A minha rua” e “A minha escola”), mais um proposto posteriormente, “A minha família”. Na verdade, algumas escolas enviaram ainda mais vídeos, que não foram disponibilizados no canal por não se adequarem às exigências do projeto – ou foram filmados na vertical, apesar das orientações sobre o formato adequado, ou mostravam alunos com idade acima ou abaixo daquela sugerida.

Do total de 148 vídeos, 95 foram produzidos pelos estudantes brasileiros (representando 64%, mais da metade); 31 são de estudantes portugueses, 13 vieram da escola de Angola, seis de Guiné-Bissau e três de Cabo Verde. Os primeiros vídeos começaram a ser enviados e disponibilizados no YouTube em dezembro de 2024; os últimos, na metade de julho de 2025, quando as escolas portuguesas e africanas começavam a concluir o ano letivo¹³.

BENEFÍCIOS E PONTOS POSITIVOS

Ainda que a participação e a quantidade de vídeos enviados por algumas escolas tenham ficado aquém do esperado, foi possível perceber que o Projeto Postais da Terra atendeu a vários dos objetivos propostos. Eis os principais aspectos positivos verificados neste primeiro ano da atividade:

¹² A descrição da proposta “Da minha casa vejo...” sugere até mesmo o possível enquadramento dos planos a partir de uma porta ou janela de casa.

¹³ Ao contrário do ano letivo brasileiro, que geralmente decorre entre fevereiro e dezembro, as escolas portuguesas e de alguns países africanos da CPLP adotam um formato diferente que inicia em setembro e termina entre junho e julho do ano seguinte.

Criação de um ambiente de intercâmbio cultural

A maior vantagem do projeto é a sua capacidade de criar um espaço de intercâmbio cultural entre jovens de diferentes países da CPLP. Bloom e Johnston (2010, p. 116) defendem que, “numa época em que podemos nos conectar com alguém do outro lado do mundo com um clique do mouse, a importância da compreensão intercultural é maior do que nunca”, sugerindo que o impacto do YouTube enquanto ferramenta de intercâmbio intercultural não pode ser subestimado: “Embora o YouTube seja frequentemente percebido como um site repleto de vídeos caseiros frívolos, existe outro lado do YouTube, que empodera as pessoas e cria conexões globais”¹⁴.

Convém salientar que a interculturalidade é um processo dinâmico que se constrói a partir da convivência e do entendimento das diferenças, algo que os Postais da Terra proporcionam de forma prática e envolvente. Ao criar um ambiente livre para a expressão de comunidades distintas, promovem-se a igualdade e a inclusão entre jovens de diferentes países da CPLP. Ao dar a oportunidade de eles se expressarem sobre os mesmos temas em suas próprias comunidades, e à sua maneira, criou-se também uma oportunidade para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Nos vídeos dos colegas de outros países, os estudantes podem reconhecer não apenas as diferenças culturais, sociais e econômicas entre eles, mas também as semelhanças.

Assim sendo, a educação intercultural desempenha um papel fundamental na promoção da igualdade, ao permitir que as vozes de diversos grupos culturais sejam ouvidas e respeitadas:

As conexões criadas entre os alunos e seus amigos-por-vídeo os ajudarão a aprender sobre outras culturas de uma forma que não pode ser alcançada por meio de um livro didático. Os princípios fundamentais da alfabetização midiática também abordam a importância da conscientização e da tolerância a múltiplas perspectivas (Bloom; Johnston, 2010, p. 118)¹⁵.

Fomento à criatividade no uso do audiovisual

A utilização de dispositivos simples, como os telefones portáteis, democratiza a criação de conteúdo audiovisual, permitindo que todos os jovens, independentemente de sua condição socioeconômica, possam participar. E embora algumas turmas tenham acesso a computadores e softwares profissionais de edição de vídeo, a maioria dos estudantes editou seus vídeos no próprio telefone, utilizando aplicativos gratuitos e simplificados, como o CapCut.

De se notar que a promoção do uso criativo da tecnologia no âmbito educacional é uma tendência crescente e muitos pesquisadores defendem que a participação ativa na produção de conteúdo promove, nos estudantes, habilidades importantes para o futuro. Para além disso, a atividade pode ajudá-los a comunicar-se melhor como cidadãos, ao analisar os acertos e os erros em seus próprios vídeos. Bloom e Johnston (2010, p. 119) argumentam que, “ao passar pelo processo de produção do próprio vídeo, os alunos tornam-se mais conscientes das maneiras pelas quais sua mensagem está sendo enquadrada e pode

¹⁴ Tradução do autor, do original: “In an age when we can connect with someone on the other side of the world with the click of a mouse, the importance of cross-cultural understanding is greater than it has ever been” e “Although YouTube is often perceived as a site filled with frivolous home videos, there is another side to YouTube, one that is empowering people and creating global connections”.

¹⁵ Tradução do autor, do original: “The connections made between students and their video-pals will help them learn about other cultures in a way that cannot be achieved through a text book. The core principles of media literacy also touch on the importance of awareness of and tolerance for multiple perspectives”.

ser potencialmente recebida”¹⁶. Novamente, a orientação e a avaliação do professor são fundamentais no processo.

Para além disso, uma das obrigаторiedades do projeto era a captação de imagens na horizontal, incentivando os jovens a compreender a importância do enquadramento ao fazer seus vídeos. Com mais espaços nas laterais para “preencher”, os alunos precisavam pensar melhor naquilo que iriam mostrar –evitando deixar aparecer o quarto bagunçado no fundo do vídeo de apresentação, ou colegas a olhar para a câmara no vídeo sobre a escola.

Enquanto a maioria dos participantes filmou seu vídeo em casa (geralmente no próprio quarto) ou na escola, alguns tentaram quebrar a limitação das quatro paredes e foram mostrar o lugar onde vivem. O aluno angolano Rafael filmou seu vídeo, “Quem sou”, do alto de um edifício, mostrando o horizonte da cidade ao fundo, enquanto as três alunas de Cabo Verde, Daiana, Rafaela e Mayra, gravaram as suas apresentações à beira-mar. Dessa forma, e de maneira simplificada, os Postais da Terra também despertaram nos participantes a atenção para a importância da criação de uma mínima *mise-en-scène*.

Alguns até já têm algum domínio de enquadramento e montagem. A aluna portuguesa Ariana dividiu seu vídeo, “Quem sou”, em pequenas cenas, ou fragmentos, em vez de usar um plano único sem cortes, como a maioria dos colegas. Numa dessas sequências, a aluna adicionou barras pretas para deixar o quadro ainda mais retangular, de maneira que apenas os seus olhos aparecessem no enquadramento. Na cena final, Ariana colocou a câmara no chão, a filmar de baixo para cima, apenas com a luminária de teto aparente; a estudante então entra no enquadramento, olhando para baixo (para a câmara), e se despede.

Da mesma maneira, o aluno português Davi começou o seu vídeo com a câmara a filmar de dentro do que parece ser o freezer de um supermercado. O aluno entra no enquadramento, como se caminhasse despreocupado, e olha para a câmara surpreso; abre a porta do freezer, pega o telefone, e somente então começa o seu vídeo de apresentação.

Esses pequenos contributos revelam que alguns alunos adotaram o projeto como algo além de uma atividade escolar simples, adicionando criatividade e autoralidade aos seus vídeos para destacarem-se dos colegas de turma.

Promoção de novas amizades e redes de contato

O projeto não apenas permite que os jovens compartilhem suas culturas, mas também cria oportunidades para que novas amizades sejam formadas. A interação entre os participantes, através dos vídeos e comentários online, incentiva a formação de uma rede de jovens unidos por interesses comuns, apesar (ou até por causa) das distâncias geográficas.

Infelizmente, não há dados sobre como ocorreu essa interação entre alunos dos diferentes países no primeiro ano dos Postais da Terra, ou seja, se os estudantes de uma escola viram os vídeos feitos por participantes de outro país, ou apenas os da própria escola. Analisando apenas os vídeos com o tema “Quem sou”, é possível identificar alguns com entre 15 e 30 visualizações no canal de YouTube do projeto, embora a maioria fique muito abaixo disso – com cinco, três ou até uma única visualização desde a sua publicação meses atrás. Alguns poucos vídeos têm likes/curtidas (no máximo três), enquanto a maioria não tem nenhuma.

¹⁶ Tradução do autor, do original: “Going through the process of producing one’s own video, students become more acutely aware of the ways in which their message is being framed and may be potentially received”.

Como os comentários foram desativados no canal de YouTube do projeto, também não é possível que os estudantes troquem mensagens entre si nos vídeos dos colegas que porventura visionem.

Reflexão sobre condições de vida e desafios sociais

Ao permitir que os jovens compartilhem as condições de vida em suas comunidades, o Projeto Postais da Terra promove uma reflexão profunda sobre os desafios sociais enfrentados, especialmente em países mais pobres. Através da apresentação sem filtros proporcionada pelo formato audiovisual, os jovens podem expressar suas realidades de maneira mais autêntica e sensibilizar outros sobre as dificuldades locais – por exemplo, a falta de recursos nas suas escolas, ou mesmo de infraestrutura nas suas ruas. É possível constatar um contraste muito grande nos vídeos em que os alunos apresentam suas escolas e casas. Enquanto os brasileiros e portugueses demonstram um estilo de vida mais confortável, alguns dos vídeos feitos pelos alunos das escolas africanas deixam antever ruas sem calçamento ou pavimentação.

Nesse sentido, ao permitir que esse contraste seja analisado nos vídeos, ainda que muitas vezes indiretamente, os Postais da Terra podem incentivar os jovens a refletirem sobre a sua responsabilidade enquanto cidadãos globais. Bloom e Johnston (2010, p. 118) já defendiam tal proposta 14 anos atrás: “Os amigos-por-vídeo¹⁷ são uma excelente maneira para os professores trazerem esse diálogo entre civilizações para a sala de aula”. Argumentam, completando: “As conversas que ocorrerão como resultado dessas postagens em vídeo permitirão que os alunos descubram a verdade e encontrem pontos em comum com alguém de outra cultura de uma forma que nunca imaginaram ser possível”¹⁸.

Os próprios professores podem chamar a atenção para esses contrastes nos vídeos, de maneira a promover uma reflexão entre os modos de vida dos alunos da CPLP e o quanto eles diferem apesar de o idioma ser o mesmo. Porém, novamente, não há dados de como esse trabalho tenha sido conduzido pelos professores participantes, para além da curiosidade dos próprios estudantes em visualizar os vídeos dos colegas.

DESAFIOS E DIFICULDADES

Embora os pontos positivos do projeto sejam fáceis de identificar, também foram encontrados alguns desafios que devem ser avaliados para melhorias nas próximas edições dos Postais da Terra:

Falta de tempo dos professores

Como coordenadores locais do projeto, os professores geralmente têm pouco tempo disponível para orientar os alunos na produção dos vídeos. Esse desafio acaba por comprometer a qualidade do material produzido em alguns casos, por dificultar um acompanhamento mais próximo. A ampliação de recursos e a formação contínua dos professores podem ser uma solução para esse problema.

¹⁷ O termo “video-pals”, que traduzimos como “amigos-por-vídeo”, foi usado pelas pesquisadoras para referir-se ao intercâmbio digital de estudantes de diferentes escolas, às vezes de diferentes países, que se comunicam através de vídeos postados no YouTube, como se fosse uma troca de correspondência.

¹⁸ Tradução do autor, do original: “Video-pals are an excellent way for teachers to bring this dialogue among civilizations into the classroom. The conversations that will occur as the result of these video posts will allow students to uncover the truth about and find common ground with some one from another culture in a way they never thought possible”.

Ainda, verificou-se também uma dificuldade da maioria das escolas em gravar mais de um vídeo por mês, motivo pelo qual muitos estudantes não passaram dos três temas iniciais. Apenas os do Brasil e os de Angola enviaram vídeos dentro dos quatro temas; Portugal contribuiu com três temas, Guiné-Bissau com dois, e os estudantes de Cabo Verde não enviaram mais nenhum vídeo para além dos de apresentação.

Ainda que ocupe um tempo valioso das aulas num momento em que muitos professores se sentem sobrecarregados para trabalhar o currículo oficial de suas disciplinas, é válido lembrar que pesquisadores como Henry Greene sugerem que esse tipo de atividade justifica o tempo investido, pois promove várias competências que talvez não fossem exploradas numa aula normal:

Os alunos aprendem uns com os outros enquanto trabalham em equipes e criam seus vídeos, e interagem com o professor enquanto tentam explicar conceitos teóricos. Os alunos praticam a gestão do tempo e dos recursos (...); eles precisam planejar cuidadosamente para minimizar o tempo fora da sala de aula e criam e assistem a vídeos que proporcionam experiências mais pessoais, sociais, envolventes, divertidas e significativas (Greene, 2014, p. 473)¹⁹.

Vergonha e dificuldade de exposição

Embora esta geração de estudantes esteja acostumada a filmar-se e compartilhar seus vídeos livremente – não apenas no YouTube, mas também em redes sociais como TikTok, Instagram e Facebook, ou diretamente com amigos e familiares através de aplicativos como o WhatsApp –, percebemos que alguns alunos ainda enfrentam resistência à ideia de se expor na frente da câmera. Mesmo que alguns professores tenham avaliado a atividade (ou seja, a produção dos vídeos valia nota para uma disciplina), eles também se depararam com o desinteresse e até mesmo recusa dos estudantes.

O professor da escola portuguesa justificou: “Os alunos não se mostraram muito interessados no projeto porque implicava ‘aparecerem’ no YouTube”²⁰, sugerindo que, apesar da frequência com que participam das suas próprias redes sociais, os estudantes ainda são reticentes de fazê-lo em projetos escolares – seja por timidez, seja pelo medo de julgamento dos próprios colegas de turma.

Por outro lado, há pesquisadores que sugerem que esse tipo de “pressão social”, de colocar o trabalho dos alunos para escrutínio dos colegas de escola ou de alunos estrangeiros, possa ser benéfico, levando os jovens a se esforçarem mais para produzir um produto de qualidade e assim escapar de constrangimentos (Greene, 2014, p. 476).

Cabe destacar que, nos vídeos dos Postais da Terra, percebe-se que alguns alunos até conseguiram contornar o medo da exposição usando a criatividade. No vídeo “Quem sou”, do aluno português Tiago Araújo, por exemplo, a câmera assume a visão em primeira pessoa do estudante sem jamais mostrar o seu rosto: vemos apenas as mãos de Tiago enquanto ele realiza ações do dia a dia, como usar o telefone ou jogar videogame. Da mesma maneira, a aluna brasileira Reyla Sofia não aparece em seu vídeo de apresentação, usando no lugar um avatar em forma de gato e a própria voz em off.

¹⁹ Tradução do autor, do original: “Students do learn from each other as they work in teams and put together their videos, and they do interact with the professor as they attempt to explain theoretical concepts. Students practice time and resource management (...); they need to plan carefully so as to minimize their out of class time and they do create and watch videos which provide more personal, social, engaging, entertaining and meaningful experiences”.

²⁰ Comunicação pessoal por e-mail em 28 de maio de 2025.

A criação de atividades preparatórias e a construção gradual de confiança entre os participantes podem ajudar a superar essa barreira. Afinal, a publicação dos vídeos no YouTube é uma etapa importante do processo para conscientizar os jovens sobre a sua responsabilidade enquanto criadores de conteúdo, já que um vídeo que eventualmente “viralize”, por um motivo ou outro, acaba sendo assistido instantaneamente por milhões de pessoas no mundo inteiro. “Isso deve ajudar os alunos a levar a tarefa a sério e a compreender a importância de estarem cientes do tipo de imagem que estão transmitindo, não apenas de si mesmos, mas também de sua cultura” (Bloom; Johnston, 2010, p. 119)²¹.

Uso original do formato

Salienta-se que, embora a proposta do projeto incentive a criatividade, alguns alunos ainda têm dificuldades em explorar o formato de maneira original. Isso pode ser resultado de uma falta de familiaridade com a linguagem audiovisual ou de limitações técnicas. Percebe-se que, em alguns vídeos, os estudantes filmaram com pouco ou nenhum cuidado em relação ao que também aparecia no enquadramento além de eles próprios, e isso pode contribuir para o ponto anterior, aumentando a vergonha de expor-se (porque os colegas vão ver o interior das suas casas, dos seus quartos, entre outros). E embora o formato portátil permita que as câmeras sejam carregadas sem esforço e a realização de filmagens externas, enquanto o estudante caminha ao ar livre, uma maioria optou por gravar seus vídeos com câmera fixa e dentro de casa.

A oferta de oficinas de produção de vídeo, ou até mesmo a análise de vídeos criativos encontrados no YouTube antes da realização da atividade, pode contribuir para o desenvolvimento de alguma habilidade criativa, inspirando os estudantes a filmar seus vídeos com mais originalidade e criatividade. Greene (2014, p. 471) defende que: “Em vez de reclamar da falta de competência dos millennials em leitura, escrita e aritmética, seria mais produtivo criar estratégias de aprendizagem que utilizassem os pontos fortes dos millennials, incluindo o uso da tecnologia digital”²².

Por outro lado, muitas escolas públicas estão defasadas para lidar apropriadamente com o formato audiovisual: não têm salas de multimídia, equipamentos adequados, nem mesmo uma conexão de internet confiável em alguns casos. Alguns professores encontram dificuldades para enviar um simples e-mail²³, o que certamente impacta no momento de orientar seus alunos na produção de vídeos melhores, ou compartilhar o trabalho feito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Postais da Terra é uma iniciativa valiosa para a promoção do intercâmbio cultural entre jovens da CPLP. Ele proporciona uma plataforma para que os participantes compartilhem suas experiências pessoais e culturais, ao mesmo tempo que fomenta a cidadania ativa e a reflexão sobre questões sociais importantes.

²¹ Tradução do autor, do original: “This should help students take the assignment seriously and understand the importance of being cognizant of the kind of images they are putting forth not only of them selves, but of their culture as well”.

²² Tradução do autor, do original: “Rather than complain about the lack of competency among millenials in reading, writing and arithmetic, it would be more productive to create learning strategies that utilize the strengths of the millennials, including the use of digital technology”.

²³ Certo dia, recebemos um e-mail em branco do professor da Guiné-Bissau e descobrimos que a mensagem foi escrita no campo do assunto do e-mail: “estou a tentar enviar os vídeos mas não estou a conseguir e não sei porque”.

Apesar dos desafios enfrentados, o projeto tem um grande potencial para se expandir e gerar um impacto positivo duradouro na educação intercultural dos países participantes.

Concluindo, para garantir o sucesso contínuo do projeto, é necessário investir no treinamento de professores, na superação da timidez dos alunos e na promoção do uso criativo e responsável do audiovisual.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; SANTOS, Maria Angélica. **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

BLOOM, Kristen; JOHNSTON, Kelly Marie. Digging into YouTube Videos: Using Media Literacy and Participatory Culture to Promote Cross-Cultural Understanding. **Journal of Media Literacy Education**, v. 2, n. 2, p. 113-123, 2010.

COSTA, Adriano Medeiros; OLIVEIRA, Elizângela Justino de; SILVA, Tiago Tavares e. Por uma Alfabetização Audiovisual: Uma Proposta Metodológica a Partir do Filme 'Habanastation'. **Inter-Legere**, v. 7, n. 39, p. 1-31, 2024.

GREENE, Henry. Learning Through Student Created, Content Videos. **International Journal of Arts & Sciences**, v. 2, n. 7, p. 469-478, 2014.

Acesso ao vídeo sobre o Projeto Postais da Terra:

https://drive.google.com/file/d/1_XMwXj46fgRx3lfm1871odNfminPskw3/view?usp=sharing

Acesso à página do Projeto Postais da Terra no YouTube:

<https://www.youtube.com/@POSTAISDATERRA/featured>

POSTAIS DA TERRA - BRASIL

- **CENTRO DE ATENDIMENTO EM TEMPO INTEGRAL DEPUTADO JOSÉ DE ASSIS**

Estudantes da Profa. Helda Núbia Rosa

Estudantes da Profa. Thaisy de Carvalho Rocha Gomes

Quem Sou Eu

https://www.youtube.com/watch?v=XzZCuWN_tLM&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=37

Minha Escola

https://www.youtube.com/watch?v=3Cx6_0HldTk&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1o_Nc&index=38

Minha Rua

<https://www.youtube.com/watch?v=RYPluosqFUc>

Comida Típica

<https://youtu.be/Jxcy3vSnmEg?si=Et7RTaZLUegls9qb>

- **CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**

Estudantes da Profa. Deise Nanci de Castro Mesquita

Quem Sou Eu

<https://www.youtube.com/watch?v=7jzbi-EVC1w>

https://www.youtube.com/watch?v=qi64qxm_uzY

<https://www.youtube.com/watch?v=bpAfCc8VkUg>

<https://www.youtube.com/watch?v=5QMjBeuAZVo>

https://www.youtube.com/watch?v=IZApOdXPK_U

<https://www.youtube.com/watch?v=ZuxheNcCgAY>

https://www.youtube.com/watch?v=IFWnic5DdT_s

<https://www.youtube.com/watch?v=Pc-mUMbPCFo>

<https://www.youtube.com/watch?v=eLSvz-Z5dwg>

https://www.youtube.com/watch?v=_TQJCiq-Rro

<https://youtu.be/wlUqM1spp8E?si=rBOSQzjmj9uEUhlc>

Minha Escola

<https://www.youtube.com/watch?v=3SetXh0ujvM&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=6>

<https://www.youtube.com/watch?v=6ZX4tx-G3D0&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=7>

<https://www.youtube.com/watch?v=kZwBoitgqFI&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=8>

<https://www.youtube.com/watch?v=Wo8B3Teb9LQ&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=9>

<https://www.youtube.com/watch?v=ofVcBehwlag&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=10>

https://www.youtube.com/watch?v=AJJdj_JN_yk&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=11

<https://www.youtube.com/watch?v=LShJxZIF4F8&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=12>

<https://www.youtube.com/watch?v=ONrfFyktGLM&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=13>

<https://www.youtube.com/watch?v=5msNMIDqWLY&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=14>

<https://www.youtube.com/watch?v=6VsrpdTNBQU>

<https://www.youtube.com/watch?v=Wo8B3Teb9LQ>

<https://www.youtube.com/watch?v=6ZX4tx-G3D0>

Minha Rua

https://www.youtube.com/watch?v=_Nno2Z3MVtA

<https://www.youtube.com/watch?v=8X8gmAgJ-Z4>

<https://www.youtube.com/watch?v=d-KaBfxAcuM>

https://www.youtube.com/watch?v=AWvnaf_edb0

<https://youtu.be/VLw4HqyHRiU?si=S-Eyme68heE9he71>

- **ESCOLA ALDEIA**

Estudantes da Profa. Fátima Cristina Silva Moraes

Estudantes da Profa. Kamilla Rodrigues de Mendonça

Quem Sou Eu

https://youtu.be/2Xl6c3VEqp0?si=qOgSOZZ9HOZa_INB

<https://youtu.be/H2KB3o-UM-o?si=m7XGKokvJ-fldvsX>

https://youtu.be/NlBlUtYPZZw?si=KDBuMD5_wQ4lEynV

https://youtu.be/AQLIT_gT97Y?si=OEZw4SmT-FjfMpVe

https://youtu.be/vW_LtsCtrOI?si=47HdselujE_DWaow

Minha Escola

<https://www.youtube.com/watch?v=KBDAiNzroGI>

<https://www.youtube.com/watch?v=eiWlfrlGuo>

- **ESCOLA CASA VERDE**

Estudantes do Prof. Maykon Rodrigues dos Anjos

Quem Sou Eu

https://youtu.be/WjOp84JQJoY?si=-2SN_DkVU5ZPUCVi

Minha Escola

<https://youtu.be/-aKwEXPqncv?si=nXnHgXzVtDNthMTK>

- **ESCOLA DE REDAÇÃO CRIAR CONTEXTO**

Estudantes da Profa. Danielle Gomes Geraes Lima

Quem Sou Eu

<https://www.youtube.com/watch?v=tEKgwsOTVsM>

<https://www.youtube.com/watch?v=XiQv-gHC9Ak&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=13>

<https://www.youtube.com/watch?v=0pDKGWB90js&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=14>

<https://www.youtube.com/watch?v=Oe140gCB318&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=15>

<https://www.youtube.com/watch?v=TVvATITHUdw&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=16>

<https://www.youtube.com/watch?v=B85iBY1Ufm0&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=17>

<https://www.youtube.com/watch?v=9eJfFCvrJ-8&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=18>

<https://www.youtube.com/watch?v=i4AvJSEXKPs&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=19>

<https://www.youtube.com/watch?v=CRv16OKfMYM&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=20>

<https://www.youtube.com/watch?v=SAmEhAfscsQ&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=21>

<https://www.youtube.com/watch?v=Yckqp4nDU6Q&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=22>

<https://www.youtube.com/watch?v=uk4iYYTygW8&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=23>

<https://www.youtube.com/watch?v=tZFLUHL3JDg&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=24>

<https://www.youtube.com/watch?v=ozxR2XmqBs4&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=25>

<https://www.youtube.com/watch?v=P9kZbClij48&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=26>

<https://www.youtube.com/watch?v=cHGr88HF0tE&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=27>

<https://www.youtube.com/watch?v=IJR95G5dVE4&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=28>

<https://www.youtube.com/watch?v=wWdSNAgXHs4&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=29>

<https://www.youtube.com/watch?v=HgwwcG6Mg9E&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=30>

<https://www.youtube.com/watch?v=iVmo1qfrCS0&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=31>

<https://www.youtube.com/watch?v=GPxFjFShDnI&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=32>

<https://www.youtube.com/watch?v=h9U7bvkBbqM&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=33>

<https://www.youtube.com/watch?v=-aF3onBAjNk&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=35>

<https://www.youtube.com/watch?v=cTDTZI1FkoM&list=PLAVhQGG86ZS22O69t98ymXGdxkpLRkVBK&index=36>

Minha Escola

<https://www.youtube.com/watch?v=tiIK2v2hiZQ&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=19>

<https://www.youtube.com/watch?v=NIxcGGsnNU8&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=20>

<https://www.youtube.com/watch?v=ILWUjO-yKV&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=21>

<https://www.youtube.com/watch?v=1QfF8OI5wkc&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=22>

<https://www.youtube.com/watch?v=O1z2jsQeMgY&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=23>

<https://www.youtube.com/watch?v=HoyzhKWtLL0&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=24>

https://www.youtube.com/watch?v=v_gxxFv7wk&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=25

<https://www.youtube.com/watch?v=DogfW8jhJUM&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=26>

<https://www.youtube.com/watch?v=Ru8L2iCztVI&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=27>

https://www.youtube.com/watch?v=Od86_dpM5Dk&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=28

<https://www.youtube.com/watch?v=6UBR0U6-tAc&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=29>

https://www.youtube.com/watch?v=zj_jMBlt9gU&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=30

<https://www.youtube.com/watch?v=UrLrOSjkd1I&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=31>

<https://www.youtube.com/watch?v=biOl8n5pA3c&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhTJiw1oNc&index=32>

https://www.youtube.com/watch?v=_0Rm2pk3N0U&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhTJiw1oNc&index=33

https://www.youtube.com/watch?v=gWOfkF_Ohml&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhTJiw1oNc&index=34

https://www.youtube.com/watch?v=FIK4_CuqA_A&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhTJiw1oNc&index=35

<https://www.youtube.com/watch?v=8D9qcforjwE&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhTJiw1oNc&index=36>

<https://www.youtube.com/watch?v=SCpJqJX8TEs&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhTJiw1oNc&index=37>

Minha Rua

<https://youtu.be/PjYjTkHvF8w?si=ZtTmac1TrxkcASXW>

<https://youtu.be/5ARb7TxfpjU?si=gh70vKIAle9qddaZ>

https://youtu.be/ATSPHi-CAAE?si=wiUizbl_Oz17-OHM

<https://youtu.be/bfzJLPDh1C4?si=X11iwhbvzrNZMBM7>

https://youtu.be/UKVV-vDxLZw?si=INP1XRIpRW_Qzb82

<https://youtu.be/03u4dwvy1Bo?si=G3OhVAzKNFO8Wtpg>

- **REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GOIÂNIA - CMEIVA**

Estudantes da Profa. Mariana Cirqueira Ricardo da Silva

Quem Sou Eu

<https://youtu.be/iMIVhyoLjvg?si=ArQImFTT8xZHpGom>

<https://www.youtube.com/watch?v=vcyRrgCMDKs>

<https://www.youtube.com/watch?v=fLle-bZJTtQ>

Minha Escola

<https://youtu.be/hGFmC08cBrI?si=LYYmD-lvG4k4sAVk>

<https://youtu.be/s8ydHe6p2Z0?si=flIkAu0ZBr2l2PXd>

Minha Rua

<https://youtu.be/tSSzz8oU07g?si=qezlvS4cyWaiixTJ>

- **REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GOIÂNIA - EMJMS**

Estudantes da Profa. Adrielle Souza do Nascimento Aguiar

Estudantes da Profa. Patrícia Maria Jesus da Silva

Quem Sou Eu

https://www.youtube.com/watch?v=yJXqiH_SYpw

<https://www.youtube.com/watch?v=Mbt8kabzZWU>

<https://www.youtube.com/watch?v=kbF9eevwwCs>

<https://www.youtube.com/watch?v=Fu9Jqc9xbfQ>

<https://www.youtube.com/watch?v=7MFz4VuHB8A>

<https://www.youtube.com/watch?v=oqWg3ZBHbcl>

<https://www.youtube.com/watch?v=5hHVTuFT17M>

Minha Escola

https://www.youtube.com/watch?v=oVvN2ZyM34M&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1o_Nc

https://www.youtube.com/watch?v=2na-kjKYTtM&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1o_Nc&index=15

https://www.youtube.com/watch?v=IUutcJ59qQE&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1o_Nc&index=16

https://www.youtube.com/watch?v=nQUuaVXDSdA&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1o_Nc&index=17

<https://www.youtube.com/watch?v=oVvN2ZyM34M>

<https://www.youtube.com/watch?v=wbPfJBoK5OQ&list=PLAVhQGG86ZS0mAPiuWEFcZhhTJiw1oNc&index=2>

Minha Rua

https://youtu.be/o_bNBdZDzM?si=McptKFH_uhYN86DL

<https://youtu.be/GcCwoaXMzlw?si=haH5nLfbyppyUUtE>

<https://youtu.be/RFgVDkvWIVk?si=GHUfjoo9xL6pli60>

<https://youtu.be/T5BjV44OLQg?si=oj9tTL5lrWYSXk1i>

<https://youtu.be/uxyWJdFICyE?si=ljyQmIng09c5WFKs>

- **ESCOLA MUNICIPAL DE TEMPO INTEGRAL JUSCELINO KUBITSCHEK**

Estudantes da Profa. Andrea Hayasaki Vieira

Quem Sou Eu

https://youtu.be/3HBIPTQu_Es?si=LBTiYaYcs2INgwE5

https://youtu.be/YTyJCq3nT0U?si=lvwLA3QQBo8CT_DA

<https://youtu.be/xSjmHhcBcmg?si=dJJZUHUbmgXjd2Ng>

<https://youtu.be/7h1d9ea7eN0?si=Gc17na6tOpe-02Fk>

Minha Escola

https://youtu.be/Z-ONX_9mi8U?si=0dL5oF204HVfUM9K

Minha Rua

<https://youtu.be/6AQgb8koOqw?si=BYn87Pl66ExBFV22>

https://youtu.be/LvHQzSWo_Y8?si=zKilitCv3liUE9Vx